

Qual é a solução
do quebra-cabeças
do Geminivírus?



Confira nesta edição.

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso
Especial
FEALQ
... CORREIOS ...

9912227297-2009 - DR/SPI



IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfbrazil@esalq.usp.br

Hortifruti ^{Brasil}

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 8 - Nº 88 - Março de 2010 - ISSN 1981-1837

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP • Ano 8 - nº 88 • Março de 2010 • ISSN 1981-1837 • www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

ECONOMIA

PIB faz aumentar o consumo de frutas e hortaliças

Richard Truppel

Produto Interno Bruto (PIB), inflação, taxa de câmbio, juros e crises econômicas pelo mundo afora influenciam diretamente o setor hortifrutícola. Compreender melhor a relação dessas principais variáveis econômicas com o setor agrícola é importante para a tomada de decisão do produtor no dia-a-dia.

Para o fruticultor que comercializa no mercado externo é mais clara a influência da macroeconomia no seu empreendimento. A influência direta vem tanto da taxa de câmbio, que tem grande importância sobre a receita que obtém, quanto da "saúde" dos países importadores. A crise econômica que se viveu no primeiro trimestre de 2009, por exemplo, levou o Japo e os Estados Unidos a diminuir o consumo de produtos brasileiros.

É importante lembrar que todos nós fazemos parte da economia: produtores e consumidores, empregados e empregadores. As decisões individuais dos produtores e consumidores influenciam a economia. O consumo individual dos produtores e consumidores influencia a economia.



Os produtores rurais fazem escolhas sobre quanto e o que plantar, afetando a oferta de produtos agropecuários e, consequentemente, os preços e o poder de compra do consumidor final.

Estabelecido o preço do produto, o produtor rural é agente importante no mercado. Assim, o produtor rural contribui para o crescimento econômico brasileiro. Graças ao aumento da produtividade e aos avanços tecnológicos, o produtor rural tem contribuído, e muito, para o crescimento econômico brasileiro. Graças ao aumento da produtividade e aos avanços tecnológicos, o produtor rural tem contribuído, e muito, para o crescimento econômico brasileiro.

gerada com exportação, o que possibilita financiar importações de outros setores e pagamento da dívida externa.

Uma das formas de se medir a importância do agronegócio é a comparação do seu Produto Interno Bruto, conhecido PIB, com o da economia total. O PIB mede a riqueza interna de um País (ou setor) e é o principal indicador da atividade econômica. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, da Esalq/Universidade de São Paulo, a parceria com o setor de cultura e Pecuária do Brasil (CNA), PIB do agronegócio representou, em 2005 e 2008, cerca de 25% do PIB brasileiro. Em 2008, o agronegócio gerou PIB de R\$ 764,5 bilhões, considerando-se a soma dos segmentos de insumos, primário (ou "dentro da porteira"), industrial e de distribuição. Não há dados exatos sobre a participação do setor hortifrutícola no PIB do agronegócio, mas estimativas da Hortifruti Brasil (HFB) apontam que o segmento de frutas e hortaliças representa cerca de 10% dos produtos-alvo do projeto gerem



CONVERSANDO DE ECONOMIA COM OS HORTIFRUTICULTORES

Entenda como a economia afeta o setor hortifrutícola

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Só uma coisa cresce
mais do que as plantas
a partir da amontoa:
a proteção de Infinito.



INFINITO[®]

Infinito é proteção Estendida na batata.

Você já pode deixar sua lavoura mais protegida contra a requeima. Chegou Infinito, o novo fungicida da Bayer CropScience que atua a partir da fase da amontoa com consistência em folhas, hastes e tubérculos. Uma nova fórmula eficiente que se redistribui nos tecidos novos da planta e age continuamente nos momentos em que as plantas mais precisam.

Infinito - Proteção Estendida.



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.



AVLCE
ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use adequadamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo. No caso de contato com o produto ou com o solo, lave imediatamente as partes afetadas com água abundante. Evite a ingestão de alimentos e bebidas. Não permita a utilização de produtos que contenham óleo. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.

A IMPORTÂNCIA DE ENTENDER ECONOMIA PARA ADMINISTRAR MELHOR



A Matéria de Capa sobre economia no setor hortifrutícola foi elaborada por Richard Truppel

Produto Interno Bruto (PIB), inflação, taxa de câmbio, juros e crises econômicas pelo mundo afora influenciam diretamente o setor hortifrutícola. Apresentar a relação dessas principais variáveis econômicas com o setor é o desafio desta edição.

Uma das relações é estabelecida entre o crescimento econômico brasileiro (PIB) e o consumo doméstico de produtos hortifrutícolas. A previsão é de crescimento do PIB está na casa de 5% para este ano e de 4,5% para o ano que vem. Isso deve elevar o consumo de frutas e hortaliças no País, mas não de forma significativa, tendo em vista que o consumo dos produtos de baixo valor agregado é relativamente fixo por família. Por outro lado, as crises econômicas afetam as exportações das frutas brasileiras, que são consideradas bens de luxo, e não parte da cesta básica do consumidor norte-americano e europeu.

Além da crise (redução de de-

manda), outra variável importante que está afetando negativamente as exportações brasileiras é a taxa de câmbio. E os seus efeitos, de fato, tiveram grande influência sobre o resultado do PIB do agronegócio de 2009. Segundo cálculos do grupo de macroeconomia do Cepea – coordenado pelo professor Geraldo Sant’Ana Camargo e Barros, um dos entrevistados no *Fórum* dessa edição – a soma das riquezas do setor deve reduzir cerca de 6% na comparação com 2008. Neste indicador macroeconômico está incluída a hortifruticultura, que também sofreu os impactos do câmbio. Em 2009, segundo a Secex, a receita com as exportações de frutas recuou 23% e o montante gasto com importações aumentou 17% em comparação ao ano anterior.

O professor Humberto Francisco Silva Spolador, outro entrevistado do nosso *Fórum*, defende uma política agrícola que compense a desvalorização do dólar através de investimentos e crédito ao setor. E tais incentivos seriam muito bem justificados pela importância que o agronegócio representa para a economia como gerador de alimentos e de divisas.

Em se tratando de apoio público, o crédito governamental ainda é escasso para a maioria dos hortifruticultores quando comparado ao destinado a outros setores do agronegócio. Matérias de edições anteriores da *Hortifruti Brasil* demonstraram que a maioria dos produtores administra os seus negócios

basicamente com capital próprio. Isso limita muito o investimento e expansão no setor hortifrutícola.

O produtor rural precisa compreender o impacto de variáveis macroeconômicas em seu negócio e aplicar esse entendimento em suas decisões de médio e longo prazo, em especial. Um dos pontos importantes a se levar em consideração é que o consumidor brasileiro se modernizou e suas necessidades não são as mesmas de 15 anos atrás. Há de ser considerado que o número de brasileiros aptos a consumir aumentou expressivamente nos últimos anos, assim como a renda de uma boa parte daqueles que já integravam o grupo de consumidores ativos.

Nesse contexto, é certo que o gerenciamento das propriedades rurais tem de evoluir. No período de hiperinflação, a incerteza inflacionária fazia com que os produtores rurais se livrassem rapidamente do “dinheiro em espécie” e investissem em ativos reais, como terra, rebanho e imóveis. Já no presente, o produtor rural deve considerar que o dinheiro tem valor e imobilizá-lo na aquisição de bens representa um custo.

Para este ano, uma boa notícia é que as apostas de mais da metade dos agentes de mercado que participaram da enquete no blog da *Hortifruti Brasil* é de rentabilidade positiva para o setor! Convidamos a todos a ler a presente edição e a deixar sua análise em nosso blog. Participe!

100% Brasil

SUPERA
Hidróxido de Cobre
LÍQUIDO

OXIQUÍMICA
www.oxiquimica.com.br



O tema da Matéria de Capa desta edição é sobre a economia e seus impactos na hortifruticultura brasileira. Compreender melhor a relação dessas principais variáveis econômicas com o setor agrícola é importante para a tomada de decisão do produtor no dia-a-dia.

FÓRUM 31

Quais serão as perspectivas da economia para o setor hortifrutícola em 2010? Leia no Fórum desta edição a opinião de especialistas.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifruti Brasil no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

 www.hortifrutibrasil.blogspot.com

 www.twitter.com/hfbrasil

SEÇÕES

TOMATE		18
CEBOLA		20
BATATA		21
CENOURA		22
MELÃO		23
CITROS		24
MAÇÃ		25
BANANA		26
MANGA		28
MAMÃO		29
UVA		30

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editor Econômico:
João Paulo Bernardes Deleco

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira:
Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva MTB: 27.368

Revisão:
Alessandra da Paz, Daiana Braga e Camila Ancona

Equipe Técnica:
Daiana Braga, Fabrícia Basílio Resende, Fernanda Geraldini, Fernando Cappello, Gabriela Carvalho da Silva Mello, Joseana Arantes Pereira, Keila Inoue, Juliana Natália Custódio Silveira, Manuela Silva Silveira, Margarete Boteon, Mayra Monteiro Viana, Natalia Dallocca Berno, Richard Truppel e Ticyana Carone Banzato.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
ênfase - assessoria & comunicação
19 2111-5057

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000
Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

AO LEITOR

ESCREVA PARA NÓS. Envie suas opiniões, críticas e sugestões para: Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP) ou para hfbrasil@esalq.usp.br

OPINIÃO

Há mais de seis meses compro cebola espanhola e holandesa na Ceagesp, onde vejo que está chegando em grande quantidade: mais de 10 contêineres com 1.400 sacos de 20 kg. Contudo, não há cotação deste produto na Hortifruti Brasil.

Marcelo da Silva Moreira – São Paulo (SP)

Prezado Marcelo: de fato o senhor tem razão. Dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) mostram que, em 2009, houve grande volume de cebola européia entrando no Brasil, ao passo que, nos anos anteriores, a quantidade foi insignificante. Apesar



disso, no mercado brasileiro ainda prevalece a comercialização de cebola nacional. Por esse motivo, mantemos nossos levantamentos focados nestes produtos. De qualquer forma, nos mantemos atentos ao crescimento da entrada de cebola européia no mercado brasileiro. Assim, não descartamos a possibilidade de, no futuro, incluir em nossas pesquisas a cotação dos produtos citados pelo senhor.

RESULTADOS FINAIS DA ENQUETE DO BLOG

“Você acha que o setor hortifrutícola vai ser melhor em 2010?”

(resultados finais até 07/03):

Ao lado, estão os resultados finais da enquete que lançamos neste início de ano: **Você acha que o setor vai ser melhor em 2010?** Boa parte dos leitores que votaram acredita que o setor hortifrutícola será mais otimista em 2010. Dessa vez, gostaríamos de saber se o clima está afetando sua produção. Então, não deixe de participar dando sua opinião no blog da **Hortifruti Brasil**.

- Sim, a rentabilidade será melhor em 2010!
54% (92 votos)
- Acredito que o cenário vai ser o mesmo.
32% (55 votos)
- Não, pode piorar!
16% (27 votos)

Acesse!



Vote em nossa enquete acessando o blog da Hortifruti Brasil:
www.hortifrutibrasil.blogspot.com

Escolha mais proteção

Temos soluções eficientes para atender a realidade do agronegócio brasileiro. Nossa diversificada linha de produtos é reconhecida pela qualidade, segurança e eficiência além da facilidade no manuseio com redução na geração de resíduos no campo. Nossa postura é de proteção à vida e ao meio ambiente com empenho em inovação.

Crescimento sustentável, o caminho do futuro.

Academic® Cimoxanil - 60 g i.a/kg Mancozebe - 700 g i.a/kg	Brisa® WG Tiofanato-Metilico - 240 g i.a/kg Clorotalonil - 600 g i.a/kg
Cuprozeb® Oxicloreto de Cobre - 300 g i.a/kg Mancozebe - 440 g i.a/kg	Echo® WG Clorotalonil - 850 g i.a/kg
Dodex® 450 SC Dodine - 450 g i.a/L	Neoram® 37,5 WG* Oxicloreto de Cobre - 652 g i.a/kg
Domark® 100 EC* Tetraconazole - 100 g i.a/L	Support® WG Tiofanato-Metilico - 850 g i.a/kg
Galben M® Benalaxil - 80 g i.a/kg Mancozebe - 650 g i.a/kg	Zetanil® WG Cimoxanil - 100 g i.a/kg Clorotalonil - 750 g i.a/kg
Isatalonil® 500 SC Clorotalonil - 500 g i.a/L	Cefanol® Acefato - 750 g i.a/kg
Metiltiofan® Tiofanato-Metilico - 700 g i.a/kg	Rimon® 100 EC** Novalurum - 100 g i.a/L
Support® Tiofanato-Metilico - 500 g i.a/L	Trebon® 100 SC*** Etofenproxi - 100 g i.a/L
Zetanil® Cimoxanil - 50 g i.a/L Clorotalonil - 375 g i.a/L	Abamectina - 18 g i.a/L Carbendazim - 500 g i.a/L Cipermetrina - 250 g i.a/L Permetrina - 384 g i.a/L

* Marca registrada Flúgia S.p.A. | ** Marca registrada Agriar | *** Marca registrada Mafal



SIPCAM ISAGRO

www.sipcam-isagro.com.br

Vote na nova enquete no

QUANDO E QUANTO PODE CHOVER NA SUA LAVOURA?

A previsão do tempo a serviço do produtor



As previsões do tempo (curto prazo) e do clima (longo prazo) são de suma importância para a agricultura. Esse setor depende do tempo desde o preparo do solo até a comercialização do produto agrícola.

Segundo estimativas de agrometeorologistas, cerca de 80% da variabilidade na produtividade agrícola se deve às condições meteorológicas durante a estação de cultivo, especialmente para as culturas de sequeiro.

O clima atípico traz grandes prejuízos para o setor hortifrutícola em todo o mundo. As recentes geadas na Flórida (EUA) em janeiro deste ano, que afetaram parte da produção de laranja daquele estado, são um exemplo, com impacto no preço internacional. No Brasil, o destaque do clima neste verão são as chuvas acima da média, que têm prejudicado a produção de vários setores e também a distribuição e comercialização. Uma ocorrência emblemática foi a paralisação da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceageps) no dia 21 de janeiro devido ao alagamento de toda a área de comercialização. Os transtornos com as chuvas também paralisou a Companhia nos dias 08 de setembro e 01 de dezembro de 2009. Somente um dia sem comercialização, R\$ 15 milhões deixaram de ser negociados, segundo estimativas da própria Ceageps.

Controlar as variações climáticas não é possível, mas conhecê-las com antecedência possibilita ações que minimizam os prejuízos.

Hortifruti Brasil



Região II
Efeitos El
Secas sever
chuvosa (le

AGROMETEOROLOGIA

A previsão do tempo a

<http://twitter.com/hfbrasil>

twitter

hfbrasil



Vai negociar? Siga-nos no Twitter!

Follow

Hf
Brasil



Quando vai chover na sua lavoura? Agrometeorologia é o próximo tema de capa da edição de jan/fev da HF Brasil.

O que será do setor hortifrutícola em 2010? Vote em nossa enquete no blog da HF Brasil! <http://www.hortifrutibrasil.blogspot.com>

Reply Retweet

Esse é o twitter da Hortifruti Brasil! Fique atento às principais notícias do setor hortifrutícola!

Reply Retweet

more

blog da Hortifruti Brasil!

http://www.hortifrutibrasil.blogspot.com

Blog da
Hortifruti Brasil

MAIOR COMUNIDADE HORTIFRUTÍCOLA DA INTERNET

segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

Quando vai chover na sua lavoura?



Foto: Reuters/Clarence Smith

as previsões climatológicas para o setor em 2010 serão alguns dos questionamentos abordados na Matéria de Capa da edição.

Os analistas de mercado da Hortifruti Brasil já estão levantando as últimas informações de mercado dos 11 produtos-alvo da publicação, que também serão reportadas na próxima edição, na Seção de cada produto.

Postado por Hortifruti Brasil

Comente

O clima nos últimos meses está afetando sua produção?

- Sim, de forma positiva para a minha produtividade!
- Não.
- Um pouco, mas não é tão alarmante.
- Sim, a chuva trouxe prejuízos; perdi parte da minha produção.
- Sim, a seca está prejudicando minha produção.

Votar

AGROMETEOROLOGIA
serviço do produtor

ENQUETE: O CLIMA ESTÁ AFETANDO SUA PRODUÇÃO?

A **Hortifruti Brasil** quer saber do produtor o impacto do clima em sua lavoura. Desde os últimos meses de 2010, o *El Niño* vem trazendo muita chuva para o Sul e Sudeste e estiagem no Nordeste do Brasil. As previsões indicam que esse fenômeno deve continuar atuante neste primeiro semestre. O tema foi abordado na última edição da revista, intitulada "*Agrometeorologia – a previsão do tempo a serviço do produtor*" (janeiro/fevereiro, nº 87).

Então, convidamos você a acessar o blog e a deixar sua informação sobre o clima em sua região. Conte se o clima está beneficiando ou atrapalhando a rentabilidade da sua fazenda. Para votar em nossa enquete e também deixar a sua opinião, acesse o blog da **Hortifruti Brasil** (www.hortifrutibrasil.blogspot.com).

Siga o twitter da **Hortifruti Brasil**: www.twitter.com/hfbrasil. As últimas informações do mercado hortifrutícola estão lá!

CONVERSA

ECONOMIA COM HO

Entenda como a economia afeta o setor hortifrutícola

Produto Interno Bruto (PIB), inflação, taxa de câmbio, juros e crises econômicas pelo mundo afora influenciam diretamente o setor hortifrutícola. Compreender melhor a relação dessas principais variáveis econômicas com o setor agrícola é importante para a tomada de decisão do produtor no dia-a-dia.

Para o fruticultor que comercializa no mercado externo é mais clara a interferência da macroeconomia no seu empreendimento. A influência direta vem tanto da taxa de câmbio, que tem grande importância sobre a receita que obtém, quanto da “saúde” dos países importadores. A crise econômica no último trimestre de 2008 e principalmente no primeiro semestre de 2009, por exemplo, levou europeus e norte-americanos a diminuírem suas compras de frutas brasileiras.

É importante ressaltar que todos nós fazemos parte da economia: produtores, consumidores, em-

presários, governo e o resto do mundo. São as decisões individuais sobre como gastar, investir ou poupar que formam a economia. O conjunto das decisões individuais dos produtores também afeta a economia do País e a sua relação com os demais. Os produtores rurais fazem escolhas sobre quanto e o quê plantar, afetando a oferta de produtos agropecuários e, conseqüentemente, os preços e o poder de compra do consumidor final – considerando-se estabilidade da sua renda. Além da oferta, ao empreender um negócio, o produtor torna-se consumidor de insumos de outros setores da economia ao mesmo tempo em que gera empregos que também acabam por distribuir renda para outros setores. Assim, o produtor rural é agente importante da economia de um país.

O agronegócio tem contribuído, e muito, para o crescimento econômico brasileiro. Graças ao aumento da produtividade e aos avanços tecnológicos, o produto se torna cada vez mais acessível à população, ajudando a conter a inflação. É também importante gerador de divisas através da significativa receita gerada com exportação, o que possibilita financiar importações de outros setores e pagamento da dívida externa.

Uma das formas de se medir a importância do agronegócio é a comparação do seu Produto Interno Bruto, o conhecido PIB, com o da economia total. O PIB mede a riqueza interna de um País (ou setor) e é o principal indicador da atividade econômica. Segundo cálculos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, da Esalq/Universidade de São Paulo, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o PIB do agronegócio representou, entre 2005 e 2008, cerca de



INDICADOR SOBRE HORTIFRUTICULTORES



25% do PIB brasileiro. Em 2008, o agronegócio gerou PIB de R\$ 764,5 bilhões, considerando-se a soma dos segmentos de insumos, primário (ou “dentro da porteira”), industrial e de distribuição. Não há dados exatos sobre a participação

do setor hortifrutícola no PIB do agronegócio, mas estimativas da **Hortifruti Brasil** são de que o segmento primário (“dentro da porteira”) somente dos produtos-alvo do projeto gerem riqueza anual na ordem de R\$ 10 bilhões.



PRODUTO INTERNO BRUTO

O que é PIB?

O Produto Interno Bruto (PIB) de um país representa o valor monetário de todos os bens e serviços gerados pelo país dentro dos seus limites geográficos em um determinado período. Existem diferentes formas de apurar esse indicador, sendo que a mais utilizada é sob a ótica da demanda. Neste caso, somam-se o consumo das famílias e do governo, gastos com investimento privado e a balança comercial.

Cálculo do PIB

$$\text{PIB} = \text{Consumo} + \text{Investimento} + \text{Gastos do Governo} + (\text{Exportação} - \text{Importação})$$

Consumo privado = representa todos os bens e serviços consumidos pelas famílias, como alimentação, lazer, educação, entre outros.

Investimento = Investimento realizado pelo setor privado (empresas e famílias). Representa a formação bruta de capital fixo da economia - compra de maquinários ou construção de casas e instalações - e formação de estoques.

Gastos do Governo = Gastos efetuados pelo governo (bens e serviços), incluindo salários dos funcionários públicos e investimentos em infra-estrutura, como a construções de estradas.

Exportação – Importação = Exportações menos importações de bens e serviços.

O PIB serve como medida de crescimento da economia e está relacionado com outros agregados econômicos, como taxa de desemprego, de juros, inflação e câmbio. Um aumento no valor do PIB pode decorrer do crescimento de gastos e/ou de investimentos, e isso leva à redução da taxa de desemprego. Por outro lado, um aumento dos gastos do governo e/ou das famílias, por exemplo, pode elevar a demanda por bens e serviços, provocando elevação dos preços, o que representa inflação, caso ocorra para vários produtos. Uma forma de conter esse reajuste dos preços é aumentar a taxa de juros ou os impostos, reduzindo o potencial de consumo da população.

Como instrumentos para elevar a atividade econômica, o PIB, o governo pode ajustar os juros (política monetária), os impostos (política fiscal) e o câmbio (política cambial).

Políticas fiscais visam a equilibrar os tributos (receita) aos gastos do governo. Assim, uma redução permanente da atual da carga de impostos no País só será possível se o governo brasileiro conseguir controlar os seus gastos. Políticas monetárias, por sua vez, utilizam ajustes da oferta de dinheiro em circulação na economia através da taxa de juros, como uma forma de controlar a inflação. Um aumento na taxa de juros implica em redução na oferta de moeda em circulação e, conseqüentemente, redução no consumo das pessoas, inibindo a inflação. Já a política cambial controla a taxa de câmbio para ajustar o saldo da balança comercial (exportações menos importações), por exemplo.

A crise econômica de 2008 e 2009 é um bom exemplo do modo como essas políticas governamentais se relacionam entre si. Para amenizar os impactos, muitos

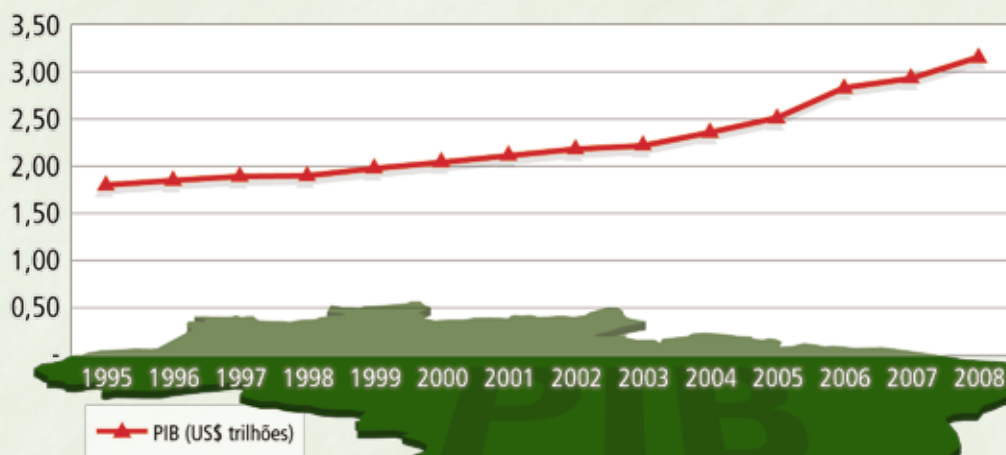
governos adotaram uma política fiscal expansionista – ampliando gastos públicos e reduzindo impostos – aliada a medidas de política monetária – redução da taxa de juros, na tentativa de impulsionar o crescimento econômico. O governo brasileiro se concentrou em estimular o PIB do País através de política fiscal expansionista com o aumento dos gastos do governo e de crédito ao mesmo tempo em que reduziu tributos.

A crise de 2008 e 2009 interrompeu o ciclo de expansão do crescimento econômico mundial dos últimos anos. No Brasil, o impacto negativo foi menor do que em outros países e a previsão é que o PIB nacional em 2009 feche semelhante ou ligeiramente inferior ao de 2008, na casa dos R\$ 3 trilhões, segundo estimativas do mercado.

Já no agronegócio, o resultado de 2009 deve ser negativo. Segundo o Cepea, a queda da atividade do agronegócio (PIB) no acumulado de janeiro a novembro já estava em 5,66% na comparação com o ano anterior. Boa parte desse resultado, segundo a equipe de macroeconomia do Cepea, deve-se à valorização do Real. Ainda que, por um lado, represente insumos mais baratos ao produtor, por outro, o Real forte reduz a receita obtida com exportação. No primeiro semestre em 2009, em especial, período em que o dólar estava valorizado, o que atrapalhava as vendas de produtos nacionais do agronegócio era a baixa demanda de tradicionais clientes (externo) do Brasil, que sofriam com a crise. Fosse por um ou por outro motivo, restava recorrer ao consumidor brasileiro. Ainda que a demanda interna estivesse firme, a oferta elevada de alguns produtos acabou por reduzir seus preços e, com isso, a renda do agronegócio.

PIB BRASILEIRO ALCANÇA R\$ 3 TRILHÕES EM 2008

Evolução do PIB do Brasil em bilhões de R\$ (preço-base = 1995)



Fonte: IBGE/SCN; dados corrigidos para valores de janeiro de 2009 pelo IPCA.

Quem planta qualidade
colhe, *antes*, mais qualidade.



Capitão

Gralha do Campo

Diferenciais:

- Precocidade
- Sabor suave
- Longevidade pós-colheita
- Calibre ideal para o mercado brasileiro

www.eaglesementes.com.br



Sinônimo de qualidade.

TAXA DE dólar desvalorizado reduz a c

Para realizar trocas de mercadorias entre países, utiliza-se uma taxa de câmbio, que representa o preço de uma moeda em relação à unidade monetária de outra moeda. Por exemplo, em fevereiro de 2010, o exportador brasileiro de fruta recebeu, em média, R\$ 1,84 por dólar pago por seu produto. Cada país possui formas diferentes de conduzir o câmbio, que passam entre os extremos de câmbio fixado pelo governo ao flutuante, que é definido pelo mercado.

Atualmente, o Banco Central (BC) brasileiro adota a política cambial flutuante “suja”. Isso significa que o BC deixa que o mercado regule a taxa de câmbio, mas intervém quando necessário para evitar excessiva desvalorização ou valorização da moeda. No passado, o Brasil passou por diversas políticas cambiais, incluindo a de regime cambial fixo e desvalorizações da taxa real de câmbio.

No geral, quanto mais valorizada a moeda de um país, mais favorecida a importação de um bem (que fica mais barato na moeda de quem compra), ao passo que a exportação torna-se limitada (produto fica “mais caro” no exterior). Por outro lado, uma moeda mais valorizada também melhora o poder de compra do consumidor daquele país.

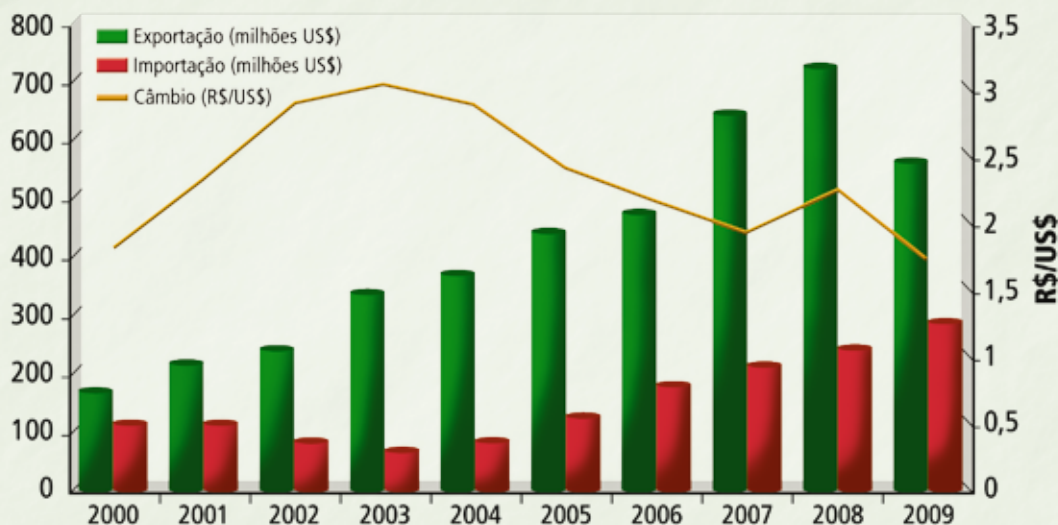
O principal questionamento dos produtores rurais brasileiros no momento é entender as razões da queda do valor do dólar nestes últimos anos. A

resposta é a mesma para a queda de preços de qualquer produto agrícola: o aumento da oferta! No caso do dólar, isso é resultado de uma balança comercial brasileira superavitária (ou seja, se vendeu mais do que se comprou no exterior) favorecida pela alta dos preços de commodities como a soja e as carnes (principalmente até meados de 2008) num período de expansão do comércio internacional. Além disso, a taxa de juros no Brasil é elevada, o que também atrai estrangeiros a investir ou a especular no País. Segundo o Banco Central, as reservas em dólar no País saltaram de US\$ 49 bilhões em dezembro de 2003 para US\$ 240,8 bilhões em janeiro de 2010.

O câmbio influencia diretamente o fluxo de bens e serviços exportados e importados de um país (saldo da balança comercial). O saldo da balança comercial positivo é favorável para a economia do país – principalmente dos em desenvolvimento – porque a entrada de dólares auxilia, por exemplo, a financiar suas contas externas, tornando esses países mais independente e seguro frente a crises econômicas.

No Brasil, a balança comercial vem obtendo sucessivos saldos positivos desde 2002, ou seja, o valor das mercadorias exportadas é superior ao das importadas. O responsável por esse saldo positivo é o agronegócio, cuja exportação supera de longe a importação e compensa o saldo negativo de ou-

Exportações recuam 23% e importações aumentam 17% em 2009



Fonte: Secex

CÂMBIO: competitividade da agricultura



tros setores. Em 2009, segundo a base de dados de exportação do Ministério da Agricultura, o AgroStat Brasil, a partir de informações da Secex/Ministério do Desenvolvimento, o agronegócio gerou superávit em torno de US\$ 55 bilhões de dólares, enquanto a soma dos demais setores da economia, o saldo foi deficitário, em torno de US\$ 30 bilhões. Mesmo com a valorização do Real em relação ao dólar, especialmente entre 2007 e 2009, a balança comercial do agronegócio atingiu valores recordes no período e alcançou seu ápice em 2008, totalizando US\$ 60 bilhões (Secex/Mdic). Isso se deveu à alta dos preços das commodities agropecuárias e ao expressivo volume embarcado para atender o forte crescimento da demanda mundial.

Para 2010, a preocupação é que ocorra uma deterioração da balança comercial total e que o saldo caia de US\$ 25 bilhões (em 2009) para US\$ 10 bilhões, segundo o Boletim Focus do Banco Central de 1º de março. As razões são o forte crescimento doméstico, esperado para ser superior a 5%, aliado ao dólar barato, um verdadeiro estímulo às importações de bens e serviços que deverão crescer em ritmo mais acelerado que as exportações do agronegócio.

Para o segmento fruticultor exportador, o câmbio mais valorizado desses últimos anos está limitando sua competitividade externa – tem tornado a fruta

brasileira mais cara no mercado externo. A previsão da **Hortifruti Brasil** é que o atual nível de câmbio freie novos investimentos em área cultivada e que ocorra uma concentração do número de empresas exportadoras, por conta da baixa lucratividade obtida nos últimos anos.

Em 2009, a receita em dólares com as exportações de frutas recuou 23% e o volume, 24%. Por outro lado, as importações de frutas aumentaram 17% em valor e 22% em volume (Secex). Assim, o saldo entre as exportações e as importações de frutas continuou positivo em 2009, mas foi o menor desde 2004, limitando-se a US\$ 274 milhões. A razão desse desempenho da balança comercial das frutas, no geral, deve-se ao dólar desvalorizado, demanda externa retraída e problemas na qualidade e quantidade de algumas frutas por conta das chuvas.

Para o hortifruticultor que não exporta, o dólar desvalorizado é favorável no sentido de reduzir seus custos de aquisição de insumos e bens atrelados ao dólar. Por outro lado, torna-se negativo ao estimular a oferta tanto de produtos importados quanto de excedentes de exportação, pressionando as cotações internas.

INFLAÇÃO: política monetária limita oportunidades de investimento no agronegócio

Define-se inflação como o aumento contínuo e generalizado dos preços dos produtos e serviços numa economia. O principal problema gerado pelo aumento nos preços é a perda do poder de compra do consumidor. Além disso, as empresas têm dificuldade em se planejar no longo prazo quanto aos seus investimentos, devido à instabilidade econômica gerada pela inflação, reduzindo o potencial de crescimento econômico do País.

A década de 80 marca um período de hiperinflação no País principalmente por conta de uma dívida externa elevada, gerando internamente uma

grave crise fiscal. Em 1989, a inflação foi de 1.700% ao ano, medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas. Até 1993, vários planos econômicos tentando conter a inflação foram posto em prática. Entre 1986 a 1993, houve 4 planos econômicos principais: Cruzado em 1986, Bresser em 1987, Verão em 1989 e Collor em 1990. A eficácia deles em manter a moeda estável foi limitada por um curto período e somente após a implantação do Plano Real, em 1994, é que foi possível, enfim, iniciar um período de estabilidade da moeda.

De 1994 até o início de 1999, o controle da inflação foi realizado através de uma política cambial que manteve o Real valorizado num cenário de abertura externa da economia. O ataque especulativo contra o Real em janeiro de 1999, no entanto, obrigou o governo a alterar a política de controle da inflação e, em junho de 1999, instalou-se o regime de metas de inflação. Essa política se mantém vigente e sua prioridade é que a inflação se situe no alvo (meta) estabelecido pelo Banco Central. Para tanto, esta instituição administra a taxa de juros básica da economia (Selic). Essa taxa é a referência do juro que o governo vai pagar a bancos privados que comprem títulos públicos emitidos justamente com a finalidade de reforçar o caixa do governo. Até fevereiro de 2010, a taxa Selic era de 8,75% ao ano, mas a projeção é de aumento nos próximos meses por conta da ameaça de inflação numa economia com crescimento previsto para mais de 5% no ano.

Assim, a política monetária restritiva conseguiu controlar a inflação mas criou outro entrave econômico: as taxas de juros reais elevadas limitam os investimentos e

o próprio crescimento econômico sustentável de longo prazo.

Segundo os Professores do Departamento de Economia da ESALQ/USP, Geraldo S. de Camargo Barros e Humberto F. Spolador, no artigo intitulado “Os efeitos da política de juros altos sobre o agronegócio”, de 2006, citam um trabalho realizado em 2004 pelo Cepea, considerando dados de 1974 a 2003, no qual mostra o efeito negativo do aumento da taxa de juros sobre o PIB do agronegócio (interessados podem acessar: http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/Cepea_artigo_macro10.pdf). Segundo o trabalho, uma política monetária mais restritiva, que eleve em 10% a taxa de juros, tem um efeito recessivo sobre a taxa de crescimento do PIB da agropecuária de cerca de 54%. A razão é o aumento do custo na obtenção de crédito para financiar a produção. Além disso, juros altos reduzem o emprego e a renda do país, contraindo o consumo doméstico dos produtos agropecuários.

Impacto da inflação e dos juros na hortifruticultura

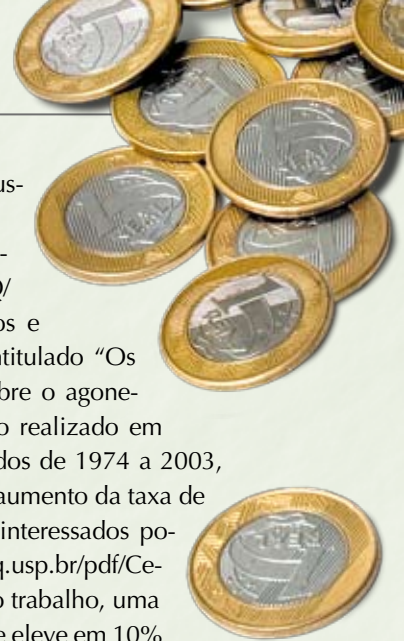
Para o setor hortifruticultor, a redução da inflação aliada à abertura da economia possibilitaram a ampliação e modernização do mercado doméstico, com a oferta de produtos mais diversos que, antes de 1994, não eram viabilizados devido ao baixo potencial de compra do brasileiro. Assim, foi possível introduzir uma gama maior de variedades e de formatos de apresentação, como o processamento mínimo e produtos industrializados, a exemplo dos sucos de frutas. No entanto, um efeito colateral da política monetária restritiva é que o setor hortifruticultor sofre com o acesso limitado a crédito oficial e também das próprias agroindústrias e empresas de insumos, principalmente em comparação com outros setores do agronegócio. Muito deles financiam parte do seu capital a juros de mercado (muito mais elevados que o crédito governamental) e boa parte trabalha somente com capital próprio, limitando os investimentos.

Outro ponto importante a ressaltar nos negócios rurais é a necessidade da mudança gerencial das propriedades rurais em função da evolução da economia. Muitos produtores ainda tomam decisões de investimento com base nas altas inflações e nos desastrosos planos econômicos da década de 80 e início da de 90. Naquele período, a incerteza inflacionária fazia com que os produtores rurais se livrassem rapidamente do “dinheiro em espécie” e investissem em ativos reais, como terra, rebanho e imóveis. O custo de oportunidade do capital investido em bens reais era sempre opção melhor que o rendimento financeiro, principalmente porque era ar-

riscado deixar o dinheiro no banco, sobretudo após o confisco do governo Collor. No presente, ainda que a situação seja diferente, muitos produtores ainda continuam receosos em administrar o dinheiro em espécie e continuam preferindo “se livrar” com a compra de bens reais.

A diferença agora é que, dada a estabilidade da moeda e a elevada taxa de juros real da economia brasileira, o custo de oportunidade do capital investido deve ser incorporado na administração moderna das propriedades rurais. O produtor rural deve considerar que o dinheiro tem valor e imobilizá-lo na aquisição de bens representa um custo. Isso só é aceitável sob o ponto de vista econômico se esse bem/ativo gerar uma receita ao negócio acima de um rendimento financeiro seguro, como a poupança.

Outro ponto importante é o próprio gerenciamento do fluxo de caixa das propriedades rurais. A captação de empréstimos para financiar o caixa deve ser muito bem equacionada; caso contrário, pode comprometer toda a rentabilidade da fazenda, dado o alto valor dos juros a preço de mercado.



Tomate Pizzadoro



A Nunhems desenvolve os melhores tomates para atender aos mercados mais exigentes do mundo. Dentre as variedades está o Pizzadoro, um tomate do tipo italiano, que é campeão em resultados para os nossos clientes. Com uma coloração vermelha-intensa e um sabor inigualável, ele é sucesso na mesa dos consumidores. Aliado a isso, o Pizzadoro possui uma consistência mais firme, que proporciona maior resistência no transporte e maior durabilidade nas gôndolas.

Entre em contato com a nossa equipe e tenha um tomate campeão ao seu lado.

A expectativa para o setor hortifruticultor é positiva na opinião de mais da metade dos nossos leitores que votaram na enquete no Blog da **Hortifruti Brasil** (www.hortifrutibrasil.blogspot.com). A razão, sem dúvida, é ancorada na perspectiva de crescimento de 5,5% da economia brasileira em 2010 e de 4,5% em 2011, segundo o Boletim Focus (08/03/2010). Por outro lado, esse crescimento elevado deve provocar também aumento da taxa básica de juros que implica em juros maiores na captação de crédito não-governamental. A previsão é que a taxa Selic alcance, até o final do ano, 11,25% a.a. Em fevereiro/2010, a taxa básica de juros se mantinha em 8,75%.

Apesar das previsões otimistas de crescimento da economia, os principais ajustes de rentabilidade no setor hortifruticultor devem ser promovidos pela oferta, dada a inelasticidade à renda por produtos hortifrutícolas, ou seja, aumento da renda não significa crescimento considerável do consumo desses produtos. Em 2009, mesmo com economia brasileira estagnada, muitos hortifruticultores obtiveram preço elevado por conta da baixa produtividade das lavouras, que restringiu a oferta do produto. Isso significa que o consumo de frutas e hortaliças no geral cresce, mas não na mesma proporção que o aumento de renda do brasileiro.

Mas, por outro lado, mesmo em situações de menor bonança, o consumidor mantém sua cesta básica de alimentos, e isso inclui a demanda por frutas e hortaliças – até mesmo quando ocorre fortes reajustes de seus preços.

No entanto, a exceção dessa regra de inelasticidade à renda é para frutas de alto valor agregado - como as uvas sem semente, melões nobres e hortaliças de processamento ou de manuseio mínimo -, o aumento da renda do brasileiro favorece as suas vendas. É o mesmo caso do consumidor externo com as frutas brasileiras. Uma retração na renda do consumidor em outros países diminui consideravelmente sua demanda por frutas importadas, que são consideradas bens de luxo. Assim, apesar da melhor perspectiva econômica mundial em

2010 na comparação com 2009, é preciso lembrar que o poder de compra de consumidores dos países mais ricos ainda não se recuperou o suficiente para que seja prevista uma forte retomada das exportações. Um agravante para isso é o atual valor do dólar frente ao Real, que encarece a fruta brasileira no exterior.

Em 2010, o consumidor brasileiro será realmente o foco do setor hortifrutícola, inclusive daqueles que priorizavam suas vendas para o mercado externo. ■

PREVISÕES ECONÔMICAS PARA 2010

Projeções do mercado para o ano de 2010 de acordo com a pesquisa do Banco Central junto às principais instituições financeiras:

PIB

(% a.a. em comparação a 2009)

+5,5%

JUROS

(% aa em dez/2010)

11,25%

INFLAÇÃO

(IPCA - %aa)

+4,99%

DÓLAR

(em dez/2010)

R\$ 1,81/US\$

Fonte: FOCUS (08/03/2010)



SETOR HORTIFRUTICULTOR?

PROJEÇÕES PARA O SETOR HORTIFRUTÍCOLA EM 2010

Área

PREVISÃO: AUMENTO

Em 2010, a expectativa de crescimento é principalmente para as culturas de inverno como batata e tomate, em função da boa rentabilidade no ano passado. Até o momento, para as demais culturas, a previsão é de estabilidade. Não há estimativa de recuo de investimentos em 2010 (em comparação a 2009).

Oferta

PREVISÃO: AUMENTO
(a partir de abril)

A previsão é de produtividade superior em 2010 em comparação com 2009 porque os efeitos do *El Niño* devem perder força a partir de março/abril – com o clima retornando à normalidade.

Custos

PREVISÃO: ESTABILIDADE

A previsão é de que, no geral, não ocorra elevação nos custos. Em 2009, devido às chuvas em excesso em várias regiões e aos reajustes dos insumos, os produtores gastaram mais. Apesar da previsão de menores gastos com insumo, outros itens devem subir, como a mão-de-obra, estimulada pelo aumento do salário mínimo.

Exportação

PREVISÃO: LIGEIRO AUMENTO

A previsão é de pequeno aumento nas exportações em 2010 por conta da expectativa de melhor qualidade e produtividade. Mas, fatores como dólar depreciado e consumo externo ainda retraído limitam uma expectativa de franca recuperação das exportações em 2010.

Rentabilidade

PREVISÃO: ESTABILIDADE

No geral, a previsão é de rentabilidade similar à do ano passado, mesmo com a previsão de maior oferta de hortifrutícolas. A razão é que, de um lado, o preço médio pode ser inferior, mas o custo também deve reduzir, por conta da melhor produtividade das lavouras.

SIM HF. Solução Integrada Milenia Hortifrutí.



MILENIA
Soluções que valorizam a vida



INSETICIDAS



HERBICIDAS



FUNGICIDAS



AVANÇADAS



ADJUVANTE





Menor oferta pode impulsionar preços

Produtores diminuem ritmo de colheita de verão

A oferta de tomate em março deve ser 30% inferior à de fevereiro devido à redução no ritmo de colheita em Caçador (SC) e à quebra de produtividade na região de Itapeva (SP). A estimativa é de que, até o final de fevereiro, cerca de 9,5 milhões de pés já tenham sido colhidos na praça catarinense, o que representa quase 70% da safra total. Produtores esperavam que o pico de safra se prolongasse durante o mês de fevereiro, em decorrência do calendário de plantio intenso em novembro/09. Mas as elevadas temperaturas no final de janeiro aceleraram a maturação dos frutos, concentrando a oferta somente no início de fevereiro. Assim como em Caçador, as lavouras da região de Itapeva também encurtaram seu período de oferta e, dessa forma, a previsão é de que, até o fim de fevereiro, 80% do total da safra da região já tenha sido colhida. Espera-se que, em março, 4 milhões de lavouras entrem em atividade na praça paulista. A produtividade das novas roças, contudo, deve ser inferior ao esperado, devido ao excesso de chuvas que provocou a incidência de diversos tipos de problemas com bactérias. Com a menor oferta geral de frutos em março, a expectativa é de que a média de preços seja superior à do mês passado.

Na edição anterior, o título do gráfico de tomate estava incorreto. O certo é: **Preços despencam no início de 2010.**

Doenças reduzem produção em Itapeva

A região de Itapeva (SP) vem ofertando tomates com qualidade aquém do esperado desde

janeiro. As constantes chuvas que ocorrem desde o início do ano provocaram o aparecimento de broca-do-fruto (*Neoleucinodes elegantalis*) e mosca branca (*Bemisia tabaci*). As roças mais velhas foram as mais afetadas, as quais chegaram a perder metade da produção. Para as lavouras que devem entrar em produção neste mês, produtores acreditam em quebra de 35% na produtividade média, passando para cerca de 200 caixas por mil pés.

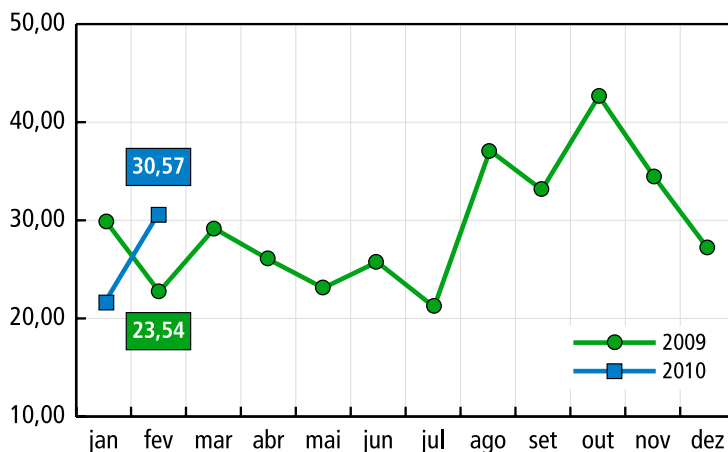
Começa safra de inverno em Araguari

A praça de Araguari (MG) iniciará a colheita da temporada de inverno 2010 em meados de março. Neste mês, estima-se que sejam ofertados 10% da safra total – o encerramento desta temporada está previsto para novembro. A expectativa é de que a região aumente a área em torno de 20% nesta safra, passando de 11 para 13 milhões de pés. O incremento de área deve-se aos bons resultados obtidos na temporada passada, principalmente pelas elevadas cotações no segundo semestre. Além disso, a queda nos preços do adubo também incentivou produtores a investirem nas lavouras. Até o fim de fevereiro, o plantio foi bem escalonado, com pouco mais de 1 milhão de pés por mês. A concentração de oferta está prevista para ocorrer a partir de maio, já que, no mesmo período do ano passado, a produtividade média registrada foi superior à do segundo semestre de 2009.



Plantio em Ubá é prejudicado pela seca

O clima quente e seco em São José de Ubá (RJ) tem prejudicado o plantio das lavouras de tomate. Segundo produtores fluminenses, não chove significativamente há cerca de dois meses, o que dificultou o preparo do solo na região. A expectativa é de que, caso chova em março, produtores cultivem 1,2 milhões de mudas, quantidade 25% menor que a prevista inicialmente. Dessa forma, a safra deve ficar mais concentrada entre setembro e outubro. Caso o clima permaneça desfavorável, a quantidade esperada para toda a safra de inverno 2010 pode reduzir.



Menor oferta recupera preços

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg



Fonte: Cepea

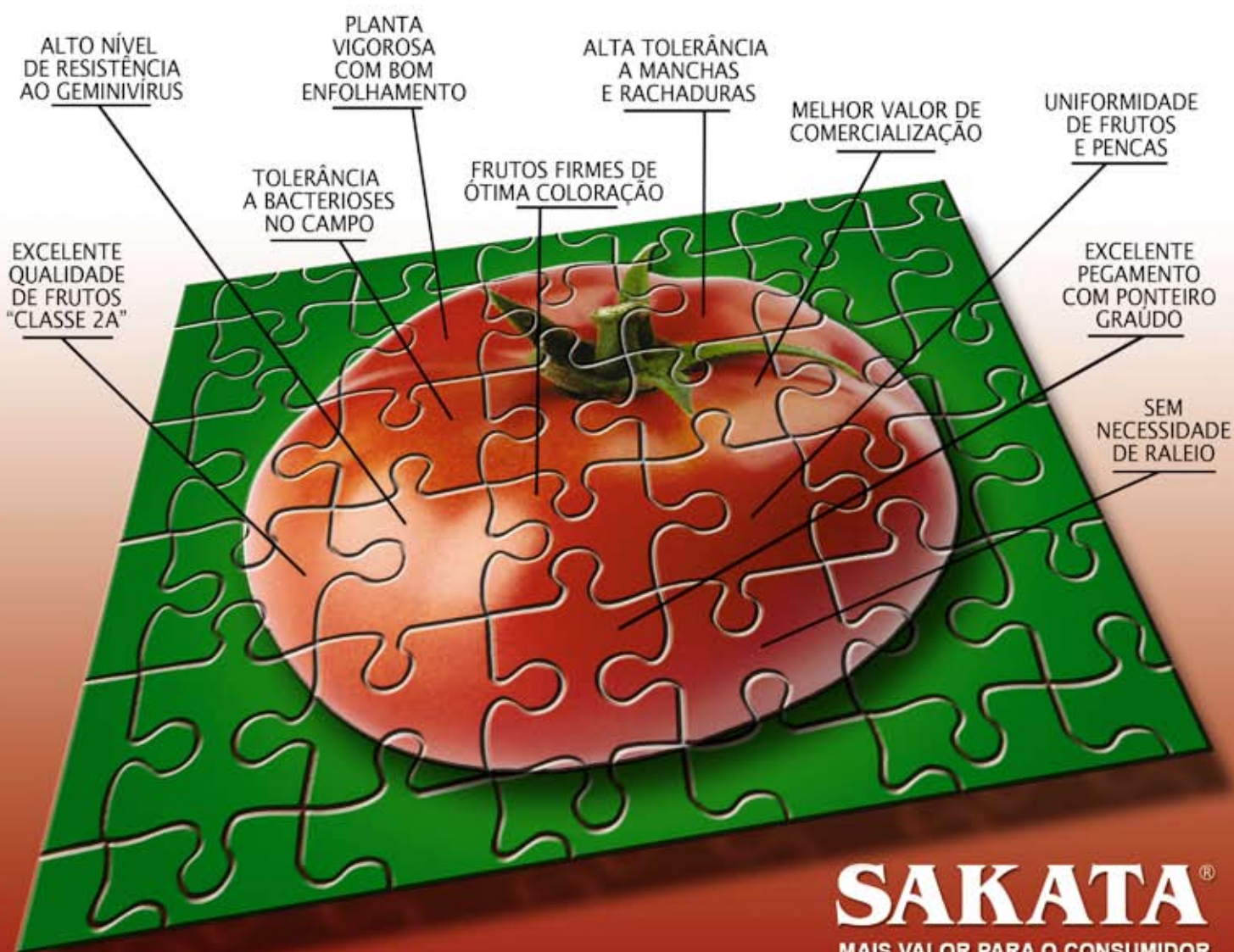




Esta é a solução
do quebra-cabeças
do Geminivírus

Pesquisado e desenvolvido pela SAKATA para as condições brasileiras de produção, o novo híbrido de tomate tipo salada IVETY é a solução para enfrentar o Geminivírus com lucratividade.

IVETY - A Solução Completa.



SAKATA[®]

MAIS VALOR PARA O CONSUMIDOR
MAIS VALOR PARA O PRODUTOR[®]



Inicia importação de cebola da Argentina

Cebola argentina começa a entrar no Brasil

A importação de cebola da Argentina iniciou na segunda quinzena de fevereiro, e deve se intensificar em março. As compras no país vizinho devem ocorrer até junho. As vendas da cebola argentina no Brasil começaram com os lotes de qualidade mais baixa, para que os bulbos de melhor qualidade possam ser armazenados para futuras negociações. Segundo agentes do setor, a área de cebola na Argentina está cerca de 20% menor nesta safra se comparada à anterior. Mesmo com essa redução, a oferta não deverá ser afetada. Isso porque produtores argentinos utilizaram uma nova tecnologia de plantio – uso de canteiros e de irrigação –, que aumentará a produtividade das lavouras.



Sul se aproxima do final da safra

Irati (PR) e São José do Norte (RS) devem finalizar a safra de cebola 2009/10 ainda em março – as demais praças sulistas encerram em abril. Em Irati, de acordo com cebolicultores locais, boa parte dos pequenos produtores já finalizou a safra, restando apenas grandes agricultores. O motivo da antecipação do término da temporada é a baixa qualidade da cebola, que foi prejudicada pelas chuvas. Com isso, as negociações foram intensas, a fim de que o descarte não ficasse ainda maior. Já em São José do Norte, a previsão é de que a safra termine na segunda quinzena de março. Em fevereiro, o aproveita-

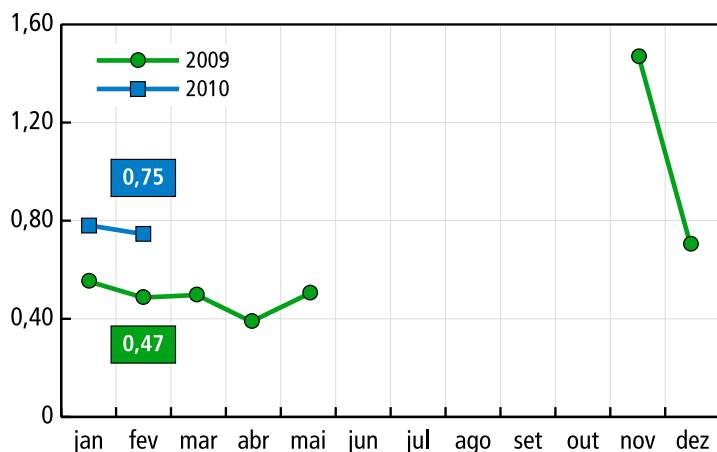
mento dos últimos lotes de cebola foi baixo, devido ao descarte de cerca de 40% no beneficiamento. Até o final de março, mais de 95% do total da safra do Sul do País deve ser comercializado.

Vale do São Francisco poderá aumentar área

A região do Vale do São Francisco deverá aumentar a área de cebola de 5% a 10% para a próxima safra de 2010, dependendo do rendimento da sementeira. Apesar de a temporada passada ter registrado significativa quebra por conta das chuvas entre março e abril de 2009, cebolicultores que plantaram para a segunda safra nas áreas atingidas conseguiram se capitalizar, sendo os responsáveis pelos investimentos no Vale. O aumento só não será maior porque ainda há produtores receosos de que o cenário de chuva do ano passado se repita em 2010. Outro motivo para o incremento na área é a baixa oferta de cebola no Sul do País. A menor duração da safra sulista estimulou produtores do Vale a ofertarem cebola já em abril, porém, o maior volume deverá ser entre maio e junho.

Preparativos da safra paulista seguem lentos

Até o final de fevereiro, eram poucos os preparativos da safra 2010 nas regiões paulistas. Em Divinolândia e Piedade, praças produtoras de bulbo, o plantio iniciou em fevereiro, mas em ritmo bastante lento por conta das intensas chuvas. Segundo produtores, choveu em praticamente todos os dias e a alta umidade comprometeu a realização das atividades de campo. A safra nessas praças deverá iniciar no final de maio e encerrar em julho, com pico de oferta previsto para junho e julho. Já em Monte Alto e São José do Rio Pardo, o plantio começa em março. As atividades nessas praças estão um pouco mais adiantadas – alguns produtores tentarão antecipar a safra para o final de maio e não mais para julho, como de costume. Nas regiões, o desenrolar da safra está diretamente ligada ao clima.



Menor qualidade reduz preços

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepega





Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba entra em pico de safra

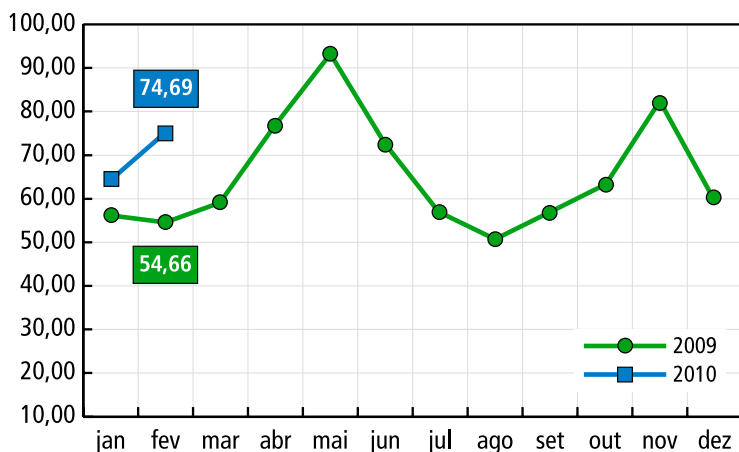
Aumenta volume no Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba

O Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba entra em pico de safra em março, ofertando cerca de 45% da área total no período. A colheita teve início em fevereiro, com intensificação das atividades apenas no final daquele mês. Em algumas praças, como São Gotardo e Ibiá, produtores iniciaram a colheita entre final de fevereiro e início de março. Na safra deste ano, o plantio foi mais escalonado, já que teve início em outubro de 2009. A batata especial padrão ágata da região mineira apresenta boa qualidade, com o preço pago ao produtor de R\$ 49,55/sc de 50 kg em fevereiro, 11% acima do valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura (R\$ 23,16/sc de 50 kg). No entanto, produtores das cidades de Perdizes e Araxá já apontam desenvolvimento menor no calibre em algumas lavouras, ocasionado pelo baixo volume pluviométrico que vem ocorrendo na região. Se o veranico ocorrer também em março, a produtividade das lavouras plantadas em dezembro de 2009 pode ter quebra de 20%. A produtividade média de fevereiro foi de 25 t/ha, dentro da média para a região no período.



Sul de Minas encerra safra das águas

A safra das águas 2009/10 no Sul de Minas foi praticamente encerrada em fevereiro, restando menos de 5% da área total para ser ofertada



Baixo volume impulsiona cotações

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg



Fonte: Cepea

em março. A temporada encerrou com aproximadamente um mês de antecedência frente à anterior devido aos bons preços. Ao todo, cerca de 12 mil hectares foram plantados nesta região. Devido às constantes chuvas, algumas lavouras sul-mineiras tiveram problemas com murcha bacteriana (*Ralstonia solanacearum*) e requeima (*Phytophthora infestans*). Contudo, a produtividade média da safra foi de aproximadamente 30 toneladas/ha, valor considerado normal para a região. O aspecto do tubérculo mineiro não esteve favorável, o que fez com que o produto fosse comercializado a preços mais baixos no atacado paulista em comparação com a batata de outras regiões. Apesar disso, o preço médio ponderado pelo calendário de colheita foi de R\$ 33,71/sc até fevereiro, valor 17% superior ao valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura (R\$ 28,75/sc de 50 kg). E a rentabilidade média ponderada foi positiva. Quanto à safra das secas 2010 no Sul de Minas, o plantio foi iniciado intensamente em fevereiro, sendo cultivados cerca de 80% dos 3.300 hectares destinados para esta safra. Em março, devem ser plantados os 20% restantes.

Inicia plantio em Vargem Grande do Sul

O cultivo da safra de inverno em Vargem Grande do Sul deve começar na segunda quinzena de março, quando 15% devem ser cultivados. Devido aos bons resultados de 2009, a estimativa é de aumento de 6% na área destinada à bataticultura em relação à temporada passada. Entretanto, essa expansão poderá ser limitada pela indisponibilidade de batata-semente, fator que vem inibindo o crescimento de área em diversas regiões. O pico de plantio deve ocorrer entre abril e maio e a estimativa é de que sejam cultivados cerca de 70% da safra no mesmo período. Em junho, o cultivo deve ser encerrado, com os 15% restantes. Já as atividades de colheita devem ser iniciadas em julho, com o pico de safra previsto para setembro. Neste período, cerca de 4.500 hectares devem ser ofertados, com a temporada encerrada em outubro.





Com clima favorável, produtividade é recuperada em MG

As regiões mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba recuperaram a produtividade das lavouras de cenoura, que estava abaixo do normal desde dezembro. Segundo produtores, em fevereiro, o rendimento atingiu 58 t/ha, volume considerado normal para a região. Para março, a produtividade deve continuar aumentando, já que o clima está favorável às variedades de cenoura produzidas no estado – as chuvas estão em volumes menores do normal climatológico e, as temperaturas, abaixo dos 30°C, condições que beneficiam o desenvolvimento da raiz. Com a maior oferta, as cotações poderão ser pressionadas. A média da safra (de dezembro a fevereiro) foi de R\$ 22,58/cx “suja” de 29 kg.



Chuva reduz oferta no Paraná

A oferta de cenoura em Marilândia do Sul (PR) deve continuar restrita até março. De acordo com produtores paranaenses, na época do plantio (outubro/09) houve intensas chuvas na região, o que impediu o cultivo da raiz por pelo menos 20 dias. As chuvas continuaram até dezembro do ano passado, prejudicando os plantios seguintes e impedindo cuidados apropriados à cultura. Assim, a expectativa é que a disponibilidade de cenoura volte à considerada normal pelos produtores apenas em abril. Em fevereiro, na tentativa de amenizar o problema, muitos beneficiadores de Marilân-

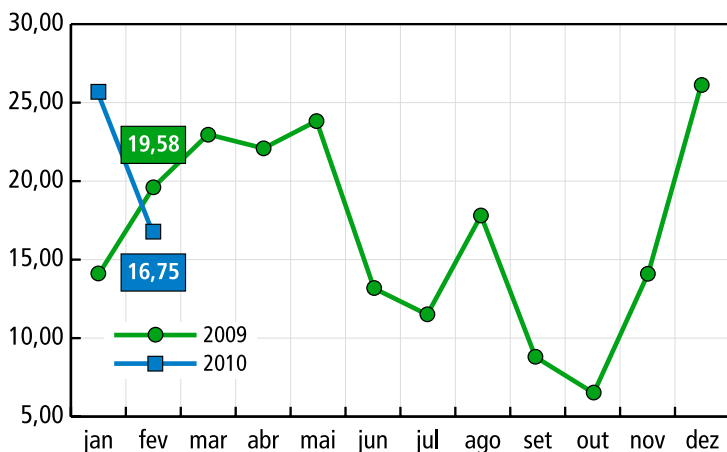
dia do Sul adquiriram a cenoura “suja” em regiões de Minas Gerais para poder cumprir contratos. Para março, esse cenário deve continuar, porém, em menor intensidade.

Cenoura baiana volta a ser negociada acima dos R\$ 10/cx

Em março, as cotações da cenoura negociada na região de Irecê (BA) devem seguir nos mesmos patamares observados em fevereiro, em torno dos R\$ 13,30 para a caixa “suja” de 20 kg. Esse valor é 62% superior ao praticado no mês anterior, quando os preços estavam em R\$ 8,21/cx. Desde meados de dezembro/09 não era registrado um valor acima de R\$ 10,00 para a caixa “suja”. A valorização deve-se à menor oferta no Nordeste – a Bahia é o único estado nordestino ofertante no momento. Com isso, a procura pela mercadoria baiana foi maior, impulsionando as cotações. Produtores locais afirmaram que a oferta em Irecê também não tem sido muito elevada, já que as temperaturas na região estão muito altas (média de 35°C) e, ainda, houve falta de água nos reservatórios de irrigação durante o cultivo. Além disso, os baixos preços praticados no segundo semestre de 2009 desestimularam agricultores, fazendo com que muitos não realizassem os tratos culturais corretamente.

Começa plantio da safra de inverno 2010

Em março, as regiões produtoras de Minas Gerais e de Goiás darão início ao plantio da safra de inverno 2010. A área a ser cultivada nesses estados deve ser igual à da temporada de inverno passada. No Paraná, os preparativos iniciam em abril e, a princípio, a intenção dos produtores é, também, de cultivar a mesma área de 2009. Para o Rio Grande do Sul, que tem safra de inverno mais longa, o plantio iniciou no final de fevereiro. A área da safra gaúcha deverá ser a mesma da temporada anterior. Vale lembrar que os preparativos estão ainda no começo e, daqui pra frente, as condições de mercado e o clima interferem diretamente no planejamento dos produtores.



Maior produtividade reduz cotações

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepeca





El Niño pode favorecer safra do Vale do São Francisco

Produtores iniciam colheita no Vale

Melonicultores do Vale do São Francisco devem iniciar as atividades de colheita em março, já que alguns produtores realizaram o plantio da fruta em janeiro. Porém, a maioria dos agricultores fica receosa com as chuvas e deve intensificar o plantio apenas em março. Segundo o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), o fenômeno *El Niño* deve continuar atuando no Brasil pelo menos até maio, com previsão de chuva abaixo da média normal e temperaturas elevadas no Nordeste. Este fator deve ser favorável à safra no Vale, visto que as chuvas causam grandes perdas. Para esta temporada, a previsão inicial é de que sejam cultivados cerca de 1.360 hectares de melão em Juazeiro (PE) e em Petrolina (BA), o que garantirá manutenção da área em relação à temporada 2009.



Temporada 2009/10 finaliza no RN/CE

A colheita de melão da temporada 2009/10 deve ser encerrada em março nas fazendas do Rio Grande do Norte e do Ceará. A oferta foi reduzida em fevereiro por conta do início das chuvas nas duas regiões. Nesta safra, foram cultivados cerca de 10,5 mil hectares de melão na região, recuo de 16% frente à safra 2008/09. Para a próxima temporada (2010/11), a área cultivada na região deve depender das negociações dos contratos de exportação a partir de maio. Tudo indica que a área cul-

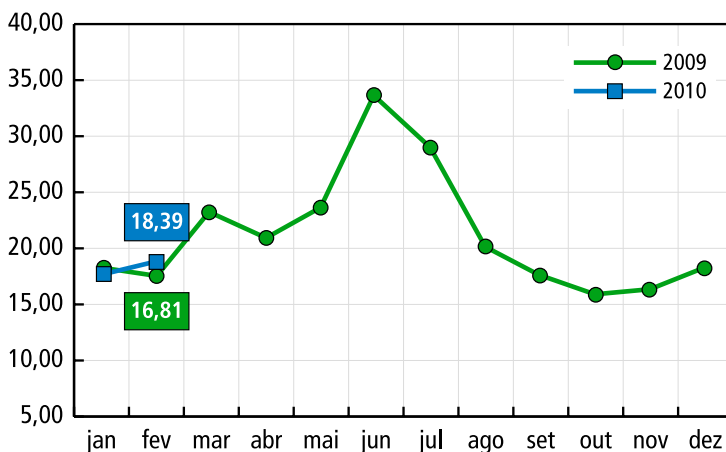
tivada deve manter-se ou apresentar leve aumento. Isto porque algumas empresas exportaram mais nesta safra, devendo expandir o cultivo, enquanto outras não tiveram rendimento satisfatório por conta dos baixos preços pagos pela fruta no mercado externo.

Exportações brasileiras recuam 12%

Com a finalização da safra de melão no Rio Grande do Norte/Ceará, as exportações brasileiras da fruta também terminaram neste mês. Na temporada 2009/10, 161 mil toneladas de melão foram exportadas entre agosto/09 e janeiro/10, volume 12% inferior ao registrado no mesmo período de 2008/09, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). O recuo no volume representa a menor produção cultivada no ano passado no pólo produtor Rio Grande do Norte/Ceará por conta da retração da área devido à paralisação das atividades de uma importante empresa da região. Em relação à receita, o recuo foi de 20% no mesmo período. A temporada foi complicada para muitas empresas produtoras da região. Os preços de exportação foram negociados a valores baixos, além de ocorrer o reajuste do frete marítimo e a desvalorização do dólar durante todo o período. No entanto, outras empresas conseguiram expandir seus volumes embarcados e renegociaram os preços da fruta durante a safra, conseguindo valores maiores.

Menor oferta favorece preço no mercado interno

Os preços do melão devem aumentar em março no mercado interno. Isto porque a oferta interna deve ser reduzida no período com o encerramento da colheita da fruta no Rio Grande do Norte/Ceará. Poucas empresas ainda ofertam ao atacado paulistano (Ceagesp) e a colheita no Vale do São Francisco será iniciada neste mês. Em fevereiro, o volume ofertado já esteve reduzido, fator que favoreceu as cotações no período. O melão amarelo tipo 6-7 foi vendido no atacado de São Paulo em fevereiro à média de R\$ 18,39/cx de 13 kg.



Menor oferta valoriza melão na Ceagesp

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no atacado de São Paulo - R\$/cx de 13 kg



Fonte: Cepea

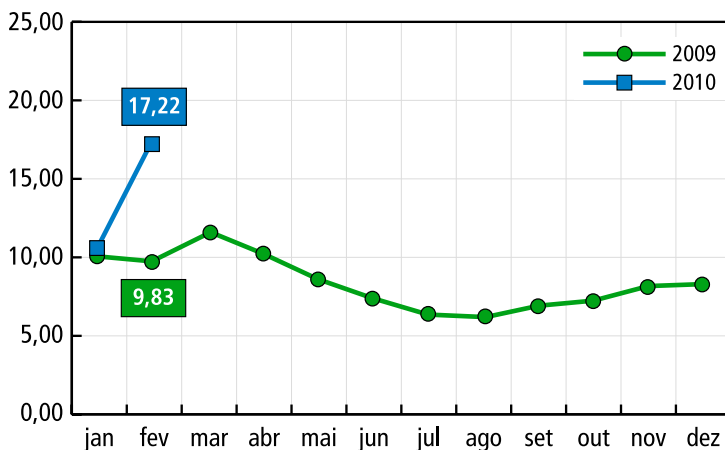




USDA surpreende setor citrícola

Estimativa de safra da Flórida sobe 2%

A safra 2009/10 da Flórida foi estimada em 131 milhões de caixas em março, volume 19% menor que o da temporada 2008/09, conforme relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Esse volume é 2% superior ao da estimativa anterior, divulgada em fevereiro, e ocorreu para as variedades precoces e de meia-estação, que já terminaram de ser colhidas. O aumento surpreendeu agentes do setor, que aguardavam redução de até três milhões de caixas. Já para a valência, a produção foi mantida em 63 milhões de caixas. De qualquer forma, o cenário segue altista por conta do baixo rendimento da fruta. De acordo com o relatório de março do USDA, a projeção do rendimento do suco concentrado e congelado a 42° brix por caixa de laranja é de 1,53 galão para a safra 2009/10 (considerando todas as variedades), redução de 2% sobre o projetado no relatório de fevereiro. Em comparação com o rendimento final da safra 2008/09, que foi de 1,66 galões/caixa, a redução é de 7,8%. Considerando as atuais projeções de safra e de rendimento do USDA, o volume produzido de suco na Flórida nesta temporada pode ser 26% inferior ao da passada. Assim, para suprir a demanda norte-americana neste ano, os estoques de suco naquele país serão necessários para compensar as perdas da safra e os EUA também devem continuar importando suco brasileiro, sobretudo NFC.



Preços de pêra sobem 60% em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pêra na roça - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

Indústria inicia interesse por contratos

Para março, a expectativa é de início de negociação de contratos entre fábricas paulistas e produtores para a safra 2010/11. Segundo colaboradores do Cepea, em fevereiro, indústrias começaram a mostrar interesse nesta modalidade de negócios. Até o fechamento desta edição, no entanto, os valores ainda não haviam sido estipulados, mas tal movimentação já indicava cenário positivo para 2010. No mesmo período de 2009, não havia sequer especulação. Já para contratos de curto prazo, a laranja posta nas fábricas chegou a ser negociada a R\$ 12,00/cx de 40,8 kg em fevereiro, dependendo da quantidade e qualidade dos frutos – em dezembro, os valores não ultrapassavam os R\$ 8,00/cx, posta. O impulso veio tanto das geadas na Flórida quanto do período de fim da safra do estado de São Paulo. Entretanto, em fevereiro, poucos foram beneficiados pelo aumento das cotações devido à escassez da fruta.



Encerra processamento de tahiti com menor oferta

Com a diminuição da oferta paulista de lima ácida tahiti, processadoras encerraram suas atividades em fevereiro – o início ocorreu na primeira quinzena de janeiro. No ano passado, o volume disponível de tahiti foi elevado até meados de abril/09, fazendo com que fábricas estendessem sua moagem até aquele período. Apesar da menor disponibilidade da fruta em 2010, o preço da lima seguiu no mesmo patamar registrado no início do ano, de cerca de R\$ 8,50/cx de 40,8 kg, posta. Para o mercado *in natura*, os preços da lima ácida tahiti reagiram à menor oferta. Além disso, a boa qualidade do produto manteve as vendas aquecidas. Para o segundo semestre deste ano (entressafra), a ocorrência e pegamento das floradas que devem gerar frutos que serão colhidos a partir de junho ainda dependerão das condições climáticas. Alguns produtores relatam, porém, que em parte do estado de São Paulo as floradas estão contínuas, podendo garantir uma oferta escalonada já a partir de abril.

Blog da

Hortifruti

Acesse o blog da Hortifruti Brasil!
www.hortifrutibrasil.blogspot.com





Safra de fuji deve ser maior em 2010

Inicia safra de fuji no Sul...

A colheita da maçã fuji deve iniciar em março nos pomares do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Tradicionalmente, a região de São Joaquim (SC) é a primeira a colher a variedade, visto que as condições climáticas na região são favoráveis à maturação antecipada da fuji – maior altitude e clima mais frio. Já em Vacaria (RS) e Fraiburgo (SC), a colheita deve iniciar apenas no final de março. Segundo produtores consultados pelo Cepea, o volume colhido da variedade nesta safra deve ser ligeiramente superior ao da temporada passada e, além disso, os calibres estão mais graúdos este ano. A coloração, por sua vez, deve depender da amplitude térmica entre o dia e a noite nas primeiras semanas de março. Neste ano, alguns pomares de fuji em São Joaquim foram prejudicados por chuva de granizo, o que pode resultar em maior volume de fruta destinada à indústria de suco.

... e encerra colheita de gala

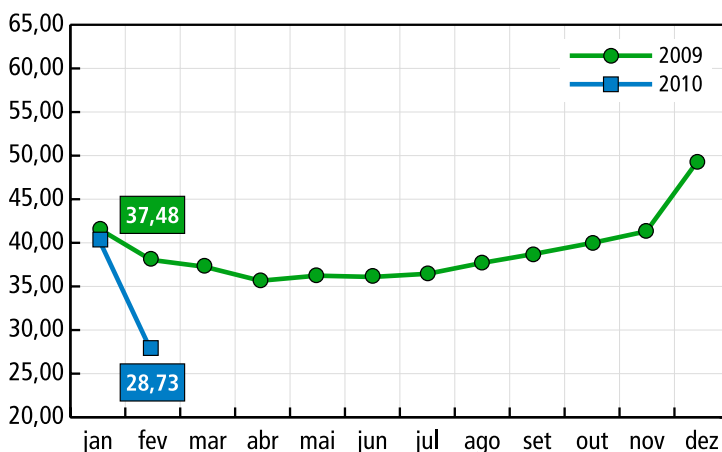
A colheita da maçã gala deve ser encerrada neste mês nos pomares de Fraiburgo (SC) e de Vacaria (RS). Em fevereiro, muitas empresas aumentaram o ritmo de colheita por conta do clima quente, que acelerou a maturação da fruta. Já em São Joaquim (SC), com a maior altitude e clima mais frio, as atividades de campo foram iniciadas apenas na segunda quinzena de fevereiro, com o encerramento previsto para abril. Segundo cola-

boradores do Cepea, a safra deste ano apresentou quebra de produtividade de cerca de 10% por conta das chuvas que ocorreram entre outubro e novembro/09 – a umidade prejudicou a polinização das macieiras. No entanto, o clima em janeiro/10 favoreceu a maturação da gala e resultou em calibres mais graúdos. Além disso, a pouca incidência de granizo nesta safra de gala em Vacaria e Fraiburgo garantiu qualidade elevada e, conseqüentemente, menor volume de fruta destinado à indústria de suco.



Setor acredita em crescimento de 20% das exportações

As exportações brasileiras de maçã foram iniciadas em fevereiro e devem ganhar fôlego em março. Agentes do Sul do País acreditam que o volume embarcado neste ano apresente recuperação – exportadores apostam em aumento de 20% nas vendas quando comparadas às de 2009. As exportações, entretanto, vão depender do valor pago pela fruta no mercado internacional e, também, da taxa cambial nos próximos meses. Apesar do menor volume produzido na Europa no segundo semestre do ano passado (reclamação de 4% frente ao mesmo período de 2008), os estoques da fruta naquele bloco ainda são elevados (5% superiores em janeiro/10 em comparação com janeiro/09). Além disso, o mercado internacional ainda sente os efeitos da crise econômica mundial. Ainda assim, produtores/exportadores neste ano estão reavaliando suas estratégias em armazenar a fruta para comercializar apenas no segundo semestre, já que essa tática não garantiu bons preços na entressafra de 2009. Dessa forma, para não haver concentração de oferta no mercado interno, as exportações brasileiras devem ser superiores em 2010, apesar dos baixos preços no mercado europeu. A qualidade da fruta nacional também está melhor nesta safra – maior calibre e boa coloração – fator que pode garantir uma boa colocação da maçã na Europa.



Pico de safra no Sul reduz cotações

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 - 110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea



Vai negociar? Siga-nos no twitter!
www.twitter.com/hfbrasil



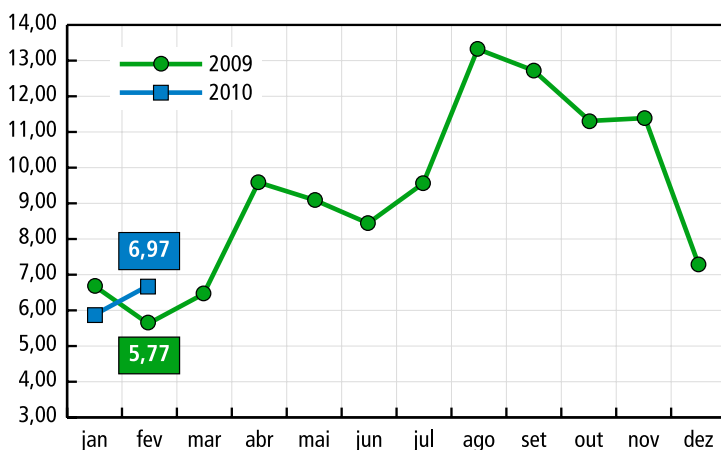


Vale do Ribeira sofre com inundações



Chuvas prejudicam Vale do Ribeira

Em janeiro, o elevado índice pluviométrico no Vale do Ribeira (SP) causou inundações nos bananais, principalmente nas cidades de Sete Barras, Registro e Eldorado, que possuem grandes áreas de várzea (locais mais suscetíveis ao acúmulo de água). Em parte dos bananais, as altas temperaturas e a forte insolação após as inundações causaram morte das raízes e dos rizomas. Produtores tiveram dificuldades para realizar o corte e escoar o produto, reduzindo a oferta na região. De acordo com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), cerca de 6.500 hectares foram atingidos pelas inundações e 2.600 hectares deverão ser replantados ainda em 2010. Já as demais áreas seguem produzindo neste ano, porém, em virtude da permanência debaixo d'água, apresentarão menor produtividade e frutas de baixa qualidade. Dessa forma, as perdas não serão em área, mas em volume produzido, com prejuízo inicial estimado em R\$ 25 milhões, segundo agentes. Diante das inundações, o volume de nanica no Vale reduziu em fevereiro, mesmo estando em período de safra. Dessa forma, houve valorização da fruta paulista. Dessa maneira, as cotações da variedade em fevereiro/10 estiveram 21% maiores em relação ao mesmo mês de 2009. A safra de nanica deve permanecer até março ou início de abril.



Preço da nanica se recupera no Vale do Ribeira

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepega

Expectativa é de aumento nas exportações em 2010

O setor está otimista quanto às exportações brasileiras de banana para a Europa em 2010. Em 2009, os embarques brasileiros foram prejudicados pela baixa oferta do Rio Grande do Norte, principal origem da fruta exportada. As áreas atingidas pelas enchentes em 2008/09, porém, já deverão estar recuperadas porque foram favorecidas pela redução de chuva no nordeste brasileiro devido à influência do *El Niño*. Além disso, novas áreas no Ceará estão sendo destinadas à bananicultura de exportação, onde a cultura de abacaxi tem sido substituída pela banana. A exportação deve reagir a partir de março por conta da maior oferta nacional e do final do inverno no Hemisfério Norte, o qual deve contribuir para o aumento da demanda externa. O setor pode ser beneficiado com a redução da tarifa de importação europeia imposta aos países latino-americanos. A taxação reduzirá gradativamente de 176 euros/t para 114 euros/t até 2017, o que deve elevar a competitividade destes países em relação aos países do ACP (África, Caribe e Pacífico). Desta forma, a expectativa é que a América Latina possa conquistar parte do mercado que, tradicionalmente, era abastecida pelo grupo de países. No entanto, pode não haver aumento dos embarques brasileiros, uma vez que Equador e Costa Rica, principais concorrentes da fruta nacional, também serão beneficiados.

Aumenta procura por banana na Ceagesp

A procura por banana na Ceagesp (SP) deverá aumentar em março quando comparada aos primeiros meses de 2010. O início do período escolar pode favorecer as vendas, já que boa parte da banana é destinada à merenda escolar. Além disso, sempre após o Carnaval, a comercialização aquece no atacado. Com menor oferta e demanda aquecida, é possível que haja aumento das cotações da fruta em março. A menor disponibilidade da fruta deve-se ao período de entressafra da prata e o menor volume do que o esperado de nanica do Vale do Ribeira – região afetada por inundações neste início de ano.

Vai negociar? Siga-nos no twitter!
www.twitter.com/hfbrasil

twitter



Tango® Cash

FUNGICIDA

A melhor armadilha contra a principal doença.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



0800 0192 500 www.agro.basf.com.br

Soluções BASF para banana: Tango® Cash e Counter®

Tango® Cash: Fungicida com excelentes resultados no controle do Mal-de-Sigatoka (Sigatoka Amarela)

Counter®: maior proteção contra *Cosmopolites sordidus* (Moleque-da-bananeira ou Broca-do-rizoma) e *Radopholus similis* (Nematóide-carnevícola)

BASF

The Chemical Company



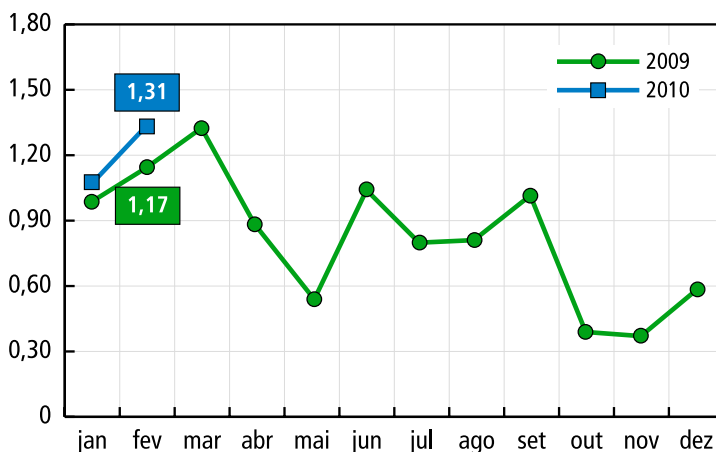
Safra paulista chega ao fim e começa no Nordeste

Interior paulista finaliza colheita de palmer

A região produtora de manga de Monte Alto/Taquaritinga (SP) deve finalizar a safra de *palmer* em meados de março. A temporada teve produtividade menor quando comparada com a anterior, visto que as adversidades climáticas afetaram o desenvolvimento dos pomares. De acordo com produtores locais, a menor oferta da fruta possibilitou valorização de 96% no período de dezembro/09 a fevereiro/10 quando comparado com o mesmo período da temporada passada (entre dezembro/08 e fevereiro/09). Em fevereiro, a manga *palmer* foi comercializada à média de R\$ 1,19/kg, alta de 49% em relação a janeiro. Tal valorização deve-se ao intervalo de produção da colheita proveniente da primeira florada. Com a finalização da safra, muitos produtores devem iniciar os tratamentos culturais, como adubações e podas, dando início à nova colheita no final do ano.

Maior oferta pressiona cotações no Vale

A intensificação da colheita de manga em Petrolina (PE)/Juazeiro (BA), no Vale do São Francisco, começou na última semana de fevereiro e deve seguir até abril, com possibilidade de preços mais baixos no período. Neste mês, a retomada das exportações para a Europa deve limitar a queda dos preços no mercado interno, tendo em vista o escoamento de parte da produção para o exterior.



Manga valorizada com baixa oferta em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea



Exportações avançam para mercado europeu

Exportadores brasileiros devem intensificar os embarques da manga nacional neste mês para a União Européia devido à finalização dos embarques de manga do Peru para este mercado, em março, e ao fato de a Costa do Marfim iniciar os embarques para a Europa somente em abril. Outro fator que deve impulsionar os embarques brasileiros é o aumento da oferta nos pomares do Vale do São Francisco. Quanto à fruta, a qualidade deve se manter boa devido ao tempo seco na região. O clima tipicamente chuvoso no primeiro semestre no Vale do São Francisco, que poderia ocasionar aparecimento de doenças na fruta, não foi observado até o momento devido ao *El Niño*. De acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), entre março e maio, a previsão de chuva está abaixo da média e as temperaturas acima do normal no Nordeste. A safra de manga peruana iniciou em dezembro/09, com pico em janeiro. Segundo o site *FreshPlaza*, esta temporada teve volume bem maior que a anterior, o que superou a demanda e pressionou os preços da fruta. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a manga *tommy atkins* brasileira foi negociada no porto de Sofia (Bulgária) à média de U\$ 2,68/kg em fevereiro, queda de 11% em relação ao mês anterior.

Livramento deve iniciar colheita em maio

Produtores de manga de Livramento de Nossa Senhora (BA) devem dar início à colheita da manga a partir de maio. Parte dos pomares da região florou em fevereiro, enquanto em outros pomares está sendo realizada a indução floral. O clima deve ser seco nos próximos meses na região, o que pode favorecer o desenvolvimento da fruta.



Blog da Hortifruti Acesse o blog da Hortifruti Brasil!
www.hortifrutibrasil.blogspot.com

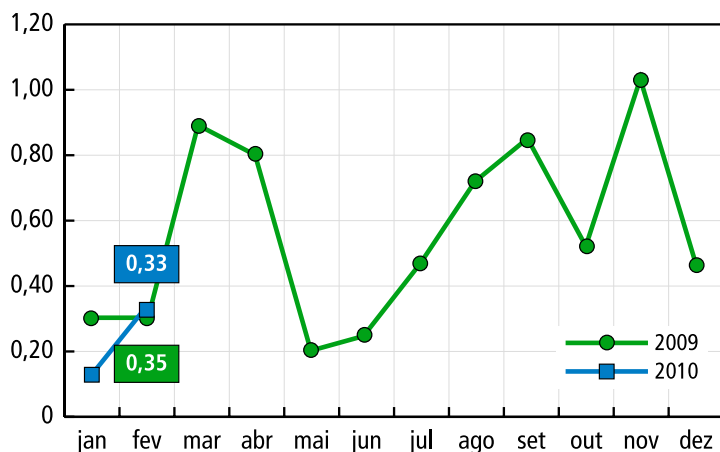


Alta temperatura reduz oferta de mamão na roça

O clima quente e seco acelerou a maturação do mamão nas principais regiões produtoras do País, antecipando o “pescoço” – intervalo na produção. Muitas roças novas estão chegando ao final do cacho produtivo, enquanto as mais velhas já entraram em “pescoço”. Dessa forma, agentes acreditam que ocorra uma diminuição na oferta neste primeiro semestre do ano. De modo geral, a fitossanidade do mamão segue satisfatória, já que as temperaturas elevadas e a baixa umidade inibem o desenvolvimento de doenças fúngicas. Em contrapartida, o clima quente e seco provocou aumento da incidência de cochonilhas e ácaro, e as pulverizações de inseticida e acaricida tiveram que ser intensificadas. Assim, tanto o mamão havaí quanto o formosa registraram manutenção nas cotações em fevereiro no Espírito Santo. O preço médio do havaí tipo 12-18 de fevereiro teve leve redução de 2,5% em comparação ao de janeiro, comercializado a R\$ 0,75/kg.

Falta de chuva pode reduzir produção em 2010

O período de “pescoço”, que iniciou em fevereiro, deve prosseguir até o segundo semestre deste ano. Em muitas roças no sul da Bahia e no norte do Espírito Santo, o clima seco e quente comprometeu parte das florações, causando abortamento, conforme informaram colaboradores do Cepea.



Menor oferta valoriza formosa capixaba

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão formosa - R\$/kg

Fonte: Cepea

Além disso, o baixo nível de água dos reservatórios, principalmente na Bahia, tem impedido a irrigação, afetando ainda mais o desenvolvimento das flores. Com relação ao tamanho da fruta, em muitas roças o calibre deve ser menor neste ano. Isso está atrelado ao fato de o calor comprometer o desenvolvimento dos frutos, acelerando a maturação antes de o tamanho ter atingido o padrão ideal para a comercialização. Assim, a baixa oferta pode impulsionar os preços, mas a rentabilidade de cada produtor dependerá do volume disponível de fruta.

Boa rentabilidade pode repetir neste ano

Mamonicultores do oeste da Bahia e do norte de Minas estão animados com a possibilidade de aumento da procura pela fruta. Essa expectativa cresce diante da redução no volume colhido no Espírito Santo e no sul da Bahia. Assim, os preços do mamão do oeste baiano e do norte de Minas podem subir nos próximos meses. Se a rentabilidade e o lucro forem positivos nesta safra, os investimentos dos produtores poderão ser próximos aos verificados no ano passado. No acumulado de 2009, o preço médio do formosa no oeste baiano foi R\$ 0,88/kg, 166,6% acima ao valor mínimo estipulado por produtores para a produção de um quilo de mamão.



Exportações reduzem 11% em janeiro

Em janeiro, o volume de mamão exportado pelo Brasil foi 11,2% menor que o do mês anterior, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). No total, foram 2,1 mil toneladas de mamão embarcadas em janeiro/10 e 2,4 mil toneladas, em dezembro/09. A redução deve-se à menor procura internacional, visto que o frio intenso, acompanhado por tempestades de neve na Europa, atrapalhou o desembarque da fruta nos países de destino. Além disso, a baixa oferta nacional influenciou a diminuição dos embarques. Para os próximos meses, agentes têm expectativa de preço elevado para exportação, fundamentados na oferta restrita de mamão para o período.

Vai negociar? Siga-nos no twitter!
www.twitter.com/hfbrasil

twitter





Finalização da safra paulista é antecipada



São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul encerram safra

A safra 2010 nas praças paulistas de São Miguel Arcanjo e de Pilar do Sul deve ser finalizada na segunda quinzena de março, com cerca de duas semanas de antecedência frente à anterior. As regiões devem colher até abril, coincidindo com entrada das frutas do Paraná ao mercado. Nesta temporada, houve redução de cerca de 30% na oferta de uvas paulistas devido às chuvas, que afetaram tanto os tratos culturais quanto o desenvolvimento dos frutos. Com a menor disponibilidade, a média da safra (de final de dezembro a final de fevereiro) foi de R\$ 2,33/kg para a uva Itália de São Miguel Arcanjo, valor 28% acima do verificado no mesmo período da safra anterior. Em Pilar do Sul, a valorização foi de 31% no mesmo período.

Safra do PR inicia, mas produtividade deve ser menor

As regiões paranaenses de Maringá, do norte do estado (Uraí, Assaí e Bandeirantes) e Rosário do Ivaí (uvas rústicas) iniciam a safra temporã na última semana de março e seguir ofertando até julho, de forma escalonada. Produtores acreditam que a produtividade deve diminuir em todas as regiões paranaenses nesta temporada, por conta das chuvas e do tempo instável, que prejudicaram o potencial de brotação após as podas, e abortamento em algumas floradas. A elevada umidade acarre-

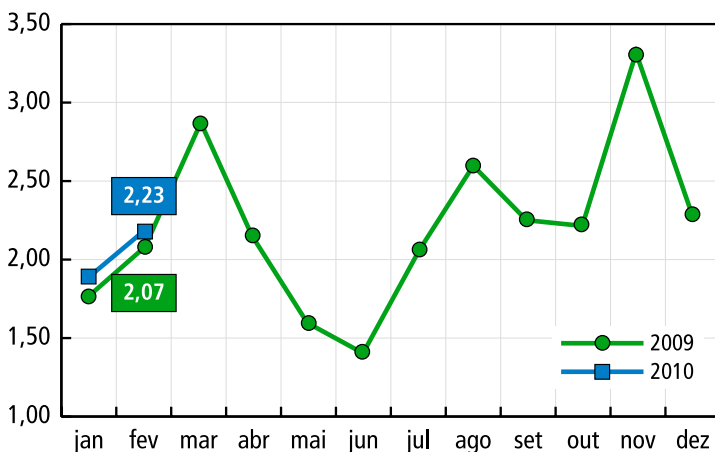
tu, também, no aparecimento do míldio, fazendo com que agricultores aumentassem o número de pulverizações durante o cultivo, o que pode elevar o custo de produção. Em Maringá, agentes de mercado já estimam redução de 20% no volume a ser colhido frente à safra temporã de 2009.

Exportações do Vale têm preços maiores em 2009

O desempenho das exportações de uva do Vale do São Francisco (PE/BA) em 2009 deve ser melhor que o de 2008. Os preços referentes aos embarques do ano passado tiveram média elevada, o que, para alguns produtores, compensou a quebra de produtividade, não afetando de forma tão intensa a rentabilidade. As cotações mais elevadas foram obtidas com a variedade *festiva* destinada aos EUA entre outubro e novembro/09, fato relacionado à menor oferta no país norte-americano neste período. Contudo, os preços variaram de acordo com o destino, o período em que a uva foi exportada e a qualidade da fruta – devido à chuva ocorrida em outubro, alguns lotes apresentaram desvalorização.

Menor oferta deve impulsionar importação neste ano

Uvas da Argentina, Chile e Peru devem entrar no mercado nacional neste primeiro semestre, suprimindo a demanda principalmente de uvas sem sementes. Conforme a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foram importadas, em janeiro/10, 2,67 mil toneladas, queda de 3,8% frente ao de janeiro/09. A redução das compras externas se deve à quebra de safra chilena (estimada em 10%, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, USDA) e ao atraso na safra argentina. Em 2009, o Brasil importou do Chile e da Argentina 17,8 mil toneladas entre janeiro e julho. Para 2010, apesar do menor volume de compras em janeiro, a expectativa é de que a quantidade importada pelo Brasil se mantenha em patamares elevados. No geral, a oferta reduzida no Nordeste do País, neste primeiro semestre, e a menor produtividade nas regiões Sul e Sudeste, neste ano, devem influenciar as importações.



Menor oferta valoriza fruta em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

Blog da Hortifruti Acesse o blog da Hortifruti Brasil!

www.hortifrutibrasil.blogspot.com



“CÂMBIO DEVE CONTINUAR VALORIZADO EM 2010”

ENTREVISTA: Humberto Francisco Silva Spolador

Humberto Francisco Silva Spolador é professor de Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP. É graduado em Ciências Econômicas pela FEA-SP/Universidade de São Paulo, mestre e doutor em Ciências (Economia Aplicada) pela Esalq/Universidade de São Paulo. Suas pesquisas são centradas em crescimento e desenvolvimento econômico.

Hortifruti Brasil: Quais as perspectivas de crescimento do Brasil e do mercado global em 2010?

Humberto Francisco Silva Spolador: As previsões de crescimento para a economia brasileira em 2010 estão entre 4% e 6%, de modo que não vejo um desaquecimento do mercado interno. Pelo contrário. A tendência é que o mercado doméstico continue aquecido, ou seja, que as pessoas mantenham o padrão de consumo. A demanda externa dependerá do crescimento da economia mundial e, mais especificamente, das economias emergentes como China e Índia. Em janeiro, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estimou que, em 2010, a economia mundial deve crescer 3,9%, sendo que a China, peça fundamental neste cenário, deve crescer próximo de 8,5%. Se confirmadas essas projeções, as perspectivas para as demandas interna e externa de produtos brasileiros são positivas, apesar da crise econômica ainda não ter sido totalmente superada nas economias mais desenvolvidas, como nos Estados Unidos.

HF Brasil: As principais medidas de governo durante a crise foram a redução da taxa de juros e de alguns impostos ao mesmo tempo em que o governo (municipal, estadual e federal) elevou seus gastos para a casa de 30% do PIB. O senhor acredita que essas medidas foram as mais adequadas? Teriam impacto sobre o setor de frutas e hortaliças?

Spolador: Sim, concordo com as medidas adotadas pelo governo. É o que nós, economistas, chamamos de medidas “anticíclicas”, ou seja, dada a perspectiva de retração da atividade econômica, o governo intervém com aumento de gastos e redução de impostos na política fiscal, e redução da taxa de juros e aumento do crédito na política monetária. Tais medidas, de natureza macroeconômica, ao impedir a retração da atividade econômica, beneficiam setores como o de frutas e hortaliças através da manutenção dos níveis de demanda e, também, de crédito para a produção.

HF Brasil: Muito se comenta sobre o endividamento e falta de controle fiscal de países europeus como a Grécia. Há a possibilidade de se ter uma nova crise em 2010? Uma crise na Europa é mais prejudicial para o Brasil do que uma crise dos Estados Unidos?

Spolador: O governo europeu agiu rápido ao manifestar ajuda econômica à Grécia e, pelo menos até o momento, conseguiu evitar uma crise maior. Se a situação na Europa não se estabilizar, é claro que poderá gerar algum efeito negativo no mercado, mas não é esse o cenário (pessimista) que tem prevalecido. O déficit fiscal, não apenas dos europeus mas também dos Estados Unidos, preocupa a médio prazo, mas, por enquanto, esse é o menor dos problemas dado que outra alternativa seriam os governos fazerem uma contração fiscal, o que poderia agravar a recessão econômica que ocorreu nesses países.

“A combinação de juros mais elevados com o volume de investimento estrangeiro no País, considerando o atual cenário econômico, continuará mantendo o câmbio valorizado.”

Como os fundamentos da economia brasileira continuam sólidos, uma eventual crise na Europa até poderia afetar o Brasil, mas em magnitude menor do que a outros países, exatamente como ocorreu entre o final de 2008 e parte de 2009. Nesse cenário pessimista de crise na Europa, o agronegócio brasileiro poderia ser prejudicado em suas exportações caso houvesse uma redução da demanda europeia por produtos brasileiros e/ou adoção de medidas protecionistas por parte dos países europeus.

HF Brasil: A Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia destina ao setor de frutas e hortaliças, em média, US\$ 2 bilhões por ano. Visto que os governos europeus passam por períodos de déficit fiscal, os exportadores brasileiros podem se beneficiar no comércio internacional? Em sua opinião, qual a posição a ser adotada pelo governo nas negociações da Rodada Doha quanto a barreiras agrícolas?

Spolador: A redução de barreiras agrícolas e o fim dos subsídios da Europa seriam muito vantajosos para o Brasil. Os exportadores brasileiros poderiam se beneficiar ainda mais do comércio internacional, visto que os preços externos de commodities continuam elevados. No entanto, seria importante que a taxa de câmbio brasileira fosse mais competitiva.

HF Brasil: O governo Lula manteve a autonomia do Banco Central. Como o senhor avalia a atuação do governo brasileiro como regulador da economia em comparação ao governo de outros países?

Spolador: O governo Lula, em relação à estabilidade econômica, de fato teve três méritos: manter a autonomia operacional do Banco Central e o regime de metas de inflação, além da manutenção do superávit primário. Recentemente, o discurso de aumentar a participação do Estado na economia tem retornado com opiniões bastante divididas entre os economistas. Particularmente, penso que o Estado deveria aumentar a eficiência de sua atuação em áreas de sua responsabilidade, como investimento em infra-estrutura. Outra atuação positiva

“ É desejável que a política agrícola do governo mantenha os níveis de investimento e crédito ao setor como medida compensatória da valorização cambial. ”

do Estado seria na criação de maiores e melhores condições para o aumento do investimento privado na economia. Isso depende, além de taxas de juros menores, também de um sistema tributário melhor, de regras claras de regulação, segurança jurídica, etc.

HF Brasil: Os principais pré-candidatos à presidência da República, Dilma Roussef e José Serra, podem alterar a política econômica atual? Há margem para isso e, se houver, qual seria o melhor instrumento?

Spolador: Não vejo espaço para mudanças na política econômica, e nenhum governo ousaria colocar em risco a estabilidade da economia. O desafio do próximo governo é criar condições para que o crescimento econômico dos últimos anos se sustente no futuro, que não seja um crescimento esporádico. Para isso será preciso, entre outros fatores, criar condições para que a taxa de juros seja reduzida a um nível próximo de padrões internacionais. Outra questão relevante relacionada à política econômica é a valorização da taxa de câmbio que, se, por um lado, atua como uma âncora de preços contribuindo para o controle da inflação, por outro, tem levado ao que al-

guns economistas chamam de “desindustrialização” do país, que é a perda da competitividade das empresas brasileiras, tornando o país apenas um exportador de commodities.

HF Brasil: Em meados de 2009, o governo aumentou em 37% os recursos para o agronegócio (Plano Agrícola e Pecuário 2009/10). Qual a sua avaliação da política agrícola nacional?

Spolador: Também no setor agronegócio, tem-se os efeitos negativos da valorização cambial. Apesar do aumento dos investimentos e da oferta de crédito, a valorização da taxa de câmbio acarretou baixa rentabilidade das vendas para o mercado externo, e esse foi um dos fatores determinantes para a retração do agronegócio. Por isso, é desejável que a política agrícola do governo mantenha os níveis de investimento e crédito ao setor como medida compensatória da valorização cambial.

HF Brasil: Uma forma de elevar a rentabilidade dos produtores agrícolas seria a melhora na infra-estrutura para o escoamento da produção. Além disso, a fiscalização trabalhista e o uso correto de defensivos químicos podem melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores rurais. É papel do governo proporcionar incentivos para os avanços do setor agrícola? Como o agronegócio pode contribuir para o desenvolvimento econômico do País?

Spolador: É obrigação do governo criar condições para que um setor estratégico da economia, como o agronegócio, ganhe competitividade e se desenvolva. O agronegócio representa algo em torno de 25% do PIB brasileiro e aproximadamente 30% das exportações do País. Além disso, é o setor que garante a oferta interna de alimentos, contribui para a estabilidade de preços – quando atende a demanda por alimentos –, e ainda gera divisas para o País com as exportações, o que proporciona o equilíbrio das contas externas do País.

HF Brasil: Qual a perspectiva para o agronegócio em 2010, levando em consideração as projeções de câmbio, inflação e taxa de juros?

Spolador: A inflação em 2010 não deve ser muito diferente da meta estabelecida pelo governo, em torno de 4,5%, o que é muito positivo. O Banco Central tem sinalizado que pode aumentar os juros ao longo do ano, como resposta ao aquecimento da demanda agregada. A combinação de juros mais elevados com o volume de investimento estrangeiro no País, considerando o atual cenário econômico, continuará mantendo o câmbio valorizado. Para o agronegócio, não é a situação ideal, mas existe um fator positivo que é o nível dos preços internacionais de commodities (aqui utilizo como fonte o índice de preços internacionais de commodities do Ipea) que, depois de uma redução entre dezembro de 2008 e abril de 2009, oscila e retoma em outubro aumento progressivo, atingindo em janeiro de 2010 o maior patamar dos últimos 12 meses.



ENTREVISTA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

“O AGRONEGÓCIO DEVE RETOMAR UM CRESCIMENTO DE 5% A 6% EM 2010”

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros é doutor em economia pela Universidade Estadual da Carolina do Norte (EUA) e pós-doutorado pela Universidade de Minnesota (EUA). É professor titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia, da Esalq/USP, e coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), onde desenvolve indicadores macroeconômicos do agronegócio, como o PIB do setor.

Hortifruti Brasil: Qual a estimativa do PIB do agronegócio em 2009? E quais são suas projeções para 2010?

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros: O PIB do agronegócio em 2009 vai registrar queda de quase 6% em relação ao de 2008. Essa queda, contudo, não quer dizer que o setor foi mal, porque ele estava muito bem antes da crise. O agronegócio deve retomar um crescimento de 5% a 6% em 2010.

HF Brasil: A previsão de crescimento do mercado doméstico, por si só, consegue impulsionar o PIB do agronegócio em 2010 e 2011 e compensar os problemas decorrentes do Real valorizado?

Barros: O mercado interno não consegue absorver sozinho toda a produção agropecuária brasileira. As exportações têm o papel de desafogar o excedente da produção do mercado interno. Sem as exportações, o crescimento do agronegócio, em termos de renda, se reduz muito por conta da queda dos preços. Para manter o PIB do agronegócio crescendo 5% a 6% ao ano, é necessário destinar uma parte da produção ao mercado externo.

“As camadas mais pobres da população serão a grande consumidora de alimentos no País, inclusive de frutas e hortaliças. A classe C representa 52% da população brasileira.”

HF Brasil: O crescimento de renda das camadas mais pobres da população pode contribuir para o PIB do Agronegócio?

Barros: Em 2007, entramos em um ciclo de crescimento econômico com distribuição de renda no Brasil. Isso é ótimo. As camadas mais pobres da população serão a grande consumidora de alimentos no País, inclusive de frutas e hortaliças. A classe C representa 52% da população brasileira. A renda per

capita dos 10% mais pobres está crescendo mais ou menos a 8% ao ano, enquanto a renda per capita dos 10% mais ricos está crescendo 1% ao ano. No caso das frutas e hortaliças, acredito que o consumo vai crescer muito, especialmente de produtos de maior valor agregado, porque o seu consumo representa para a população uma forma de melhoria no padrão de vida.

HF Brasil: O agronegócio representa atualmente 25% do Produto Interno Bruto (PIB) do País, enquanto que no passado a sua participação era maior. Essa redução é um aspecto negativo ou demonstra evolução dos setores industrial e de serviços?

Barros: O agronegócio está tendo um grande crescimento em produtividade, não só no Brasil, mas no mundo todo. Por isso, os preços reais (descontada a inflação) do agronegócio têm caído e são menores que os de 10 anos atrás. Isso não quer dizer que os produtores estão em pior situação já que os ganhos de produtividade acarretam redução de custos. Isso acontece em qualquer atividade agrícola ou pecuária. Se a produtividade aumenta, isso não vai levar a um maior lucro ao produtor porque o preço vai cair. A queda dos preços também não é um resultado negativo porque com o aumento da produtividade, os custos são reduzidos. Por conta dos preços em queda, a contribuição da receita gerada pelo agronegócio reduz e, ao longo do tempo, diminui sua participação no PIB da economia. Isso quer dizer que o agronegócio está colaborando muito com o restante da economia suprimindo a população com produtos agrícolas mais acessíveis e melhorando nossa competitividade externa, gerando divisas na balança comercial. Assim, não é ruim o agronegócio ter uma menor proporção do PIB, considerando-se a economia como um todo. Essa menor proporção também indica que o PIB não está crescendo somente por conta das commodities, como muitos afirmam. Ao contrário, nosso PIB está, cada vez mais, formado pelos setores industrial e de serviço, de maior valor agregado, como acontece nos países mais avançados.

HF Brasil: Muito se comenta atualmente do problema de endividamento em alguns países europeus, como a Grécia. Há

possibilidade de se ter uma nova crise em 2010? Uma crise na Europa seria mais prejudicial para o Brasil do que nos Estados Unidos?

Barros: Se ocorrer uma crise na Europa, seria um “segundo mergulho”. No entanto, uma crise na Europa não deve apresentar a mesma magnitude do que foi a norte-americana. A americana pegou o mundo de surpresa, ninguém estava preparado. A previsão era de uma forte inflação por causa dos

“No caso das frutas e hortaliças, acredito que o consumo vai crescer muito, especialmente de produtos de maior valor agregado, porque o seu consumo representa para a população uma forma de melhoria no seu padrão de vida.”

elevados preços do petróleo e das commodities. Mas todo mundo foi surpreendido com o quanto estava frágil o sistema financeiro norte-americano. Há um grande risco de acontecer uma crise na Europa se não houver uma grande operação de socorro financeiro similar ao que ocorreu nos Estados Unidos. A saída seria cobrir as dívidas que estão vencendo na Grécia. Se a União Européia não socorrer, o governo da Grécia não deve conseguir honrar seus compromissos com os títulos da sua dívida. Os principais países detentores de títulos da dívida da Grécia são a Alemanha, França e Estados Unidos. Se a Grécia não pagar seus títulos, haverá uma forte especulação em títulos de outros países com problemas fiscais como Espanha, Itália e Portugal. Se a União Européia não resolver esse problema, o mundo todo pode entrar numa nova recessão, mas não com a mesma intensidade da anterior. Felizmente, o Brasil continua preparado para uma nova crise, como estava para a outra, mas sempre tem uma freada no crédito, no financiamento e nas transações comerciais.

HF Brasil: Se uma nova crise ocorrer, quais os efeitos para o agronegócio?

Barros: Se houver uma nova crise, eu acho que não seria de magnitude mundial. Uma nova crise não deve ter um impacto profundo no agronegócio porque, assim como aconteceu na anterior, a China, a Índia, países da África e Ásia Pacífica se recuperaram rápido e são importadores de commodities. Até agora, os países membros da União Européia não chegaram a um consenso sobre a Grécia. A questão central é que países como Alemanha e França não irão financiar a Grécia, a menos que ela tome sérias medidas de controle do déficit público. Um trabalhador grego se aposenta mais cedo que um alemão e o problema da previdência é um dos buracos do déficit do

governo. Um funcionário público grego ganha muito e se não houver ajuste de salários, se não tiver um governo forte, no sentido de fazer mudanças necessárias, pode ocorrer o “segundo mergulho”.

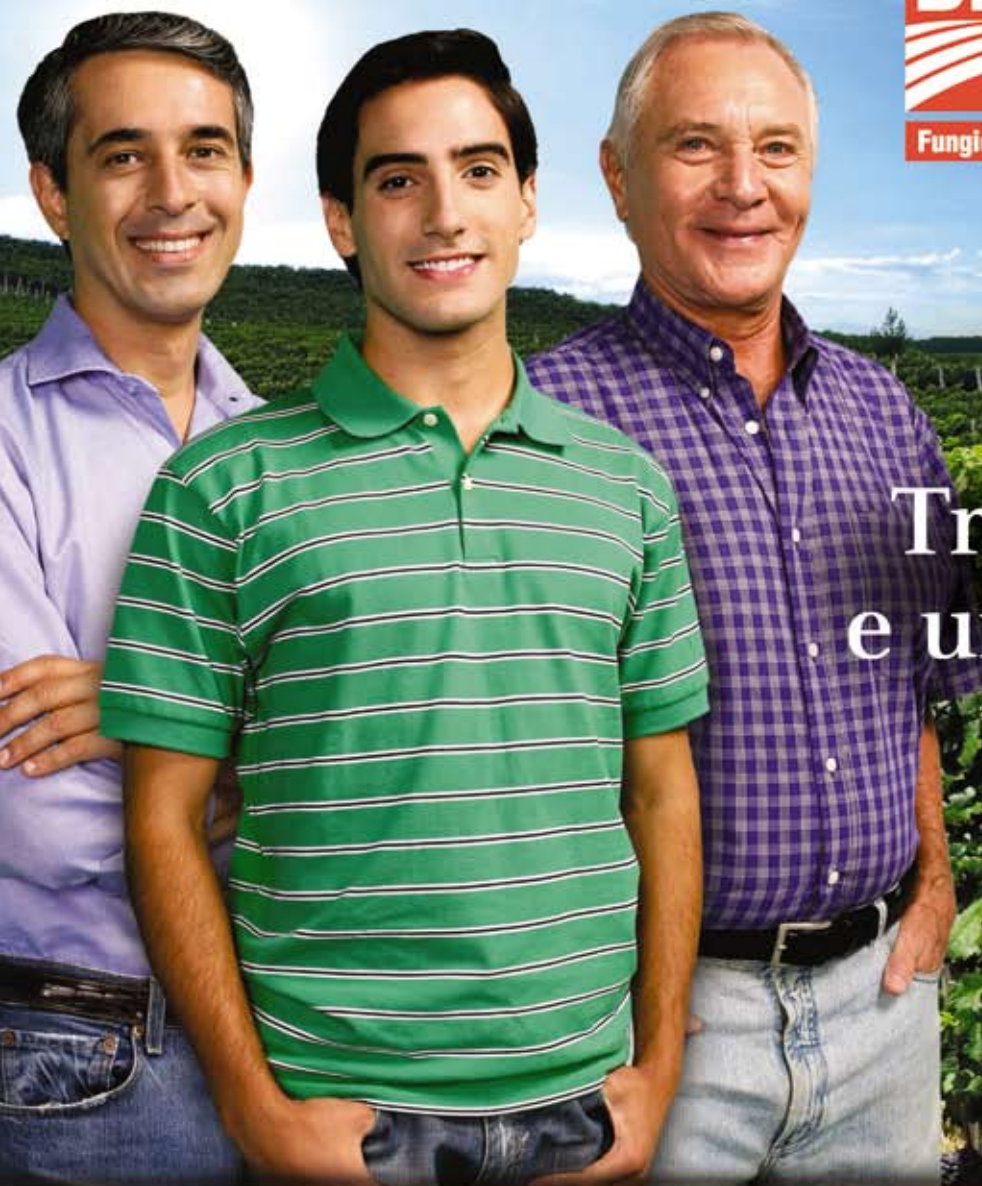
HF Brasil: Existe alguma limitação que iniba o consumo doméstico em 2010?

Barros: A única coisa que pode limitar o consumo doméstico é um problema interno. Se eventualmente o processo eleitoral “sair dos trilhos”, pode influenciar na economia do País. Tivemos problemas com a eleição de 2002 quando o Partido dos Trabalhadores (PT) ganhou a eleição. Houve uma turbulência econômica no período e o dólar chegou a R\$ 4,00. Se houver desconfiança do mercado a respeito de mudanças na política econômica por um dos candidatos na eleição em 2010, um dos indicadores econômicos que mais rápido reage é a taxa de câmbio. Caso isso ocorra, não será tão ruim para o agronegócio. A desvalorização do câmbio favoreceu muito as exportações do agronegócio em 2002 e 2003. O agronegócio foi bem no período porque o câmbio disparou e os preços subiram em moeda nacional. No entanto, os custos de produção dos produtores rurais subiram e, para a economia brasileira, gerou inflação e aumento da taxa de juros.

HF Brasil: Qual a previsão de câmbio para 2010? Ele está prejudicando as exportações do agronegócio? Como o agronegócio pode crescer com um Real tão valorizado?

Barros: No agronegócio, o sentimento é que a taxa de câmbio em R\$ 1,80/US\$ está no limite. Se começar a cair mais, para R\$ 1,60/US\$, por exemplo, o agronegócio terá muitos problemas. Muitas vezes, o agronegócio tem nos preços das commodities um compensador do câmbio. Quando os preços externos sobem muito, o produtor consegue exportar mais, trazendo muito dólar para dentro do País. Com isso, o dólar cai. Fazendo o balanço em reais de quanto o produtor está recebendo, o aumento de preços compensa a queda da taxa de câmbio. A principal dificuldade da última crise é que o câmbio estava chegando a R\$ 1,60/US\$ sem que isso tenha sido por causa de um aumento nos preços externos, e sim porque estava entrando muito dólar na bolsa de valores e outras aplicações. Agora, tudo indica que o câmbio se manterá no patamar de R\$ 1,80/US\$. Eu acredito que acima da barreira de R\$ 2,00/US\$ não é saudável, seria sinal de problema. Uma forte alteração no câmbio pode acontecer se houver uma crise na Europa ou se o processo eleitoral trouxer alguma turbulência. Para este último, a probabilidade é pequena. ■





Dow AgroSciences



Três gerações e uma tradição!

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



O sucesso de Dithane NT faz parte da tradição da família! Usado por gerações na proteção de batata, tomate, uva e outras 32 culturas. É atual e inovador! Quando alguém já pensava em aplicar Dithane NT antes da chuva? Hoje, isso já é possível! E o que mais será possível, já pensou? Nossos pesquisadores continuam pensando...



Dow AgroSciences

DuPont[™]
Premio[®]
 inseticida
 Powered by
 RYNAXYPYR[®]

COM PREMIO[®], VOCÊ SABE ONDE AS BROCAS E TRAÇAS FORAM PARAR. FORA DA SUA LAVOURA.

Agora sua lavoura, sua produtividade e sua rentabilidade estão muito mais protegidas. É só aplicar Premio[®].

- Alta eficiência no controle das traças e brocas do tomateiro;
- Rápida parada alimentar: mais segurança para sua lavoura;
- Molécula Rynaxypyr[®]: modo de ação único e eficiente;
- Longo período de controle;
- Seletivo a insetos benéficos, inclusive abelhas;
- Contribui com o Manejo Integrado de Pragas (MIP);
- Mais favorável ao homem e ao meio ambiente.

Premio[®]. Proteção para sua lavoura. Rentabilidade para você.



Os milagres da ciência

www.dupontagricola.com.br Tele DuPont Agrícola 0800-707-5517

Premio[®] e Rynaxypyr[®] são marcas registradas da DuPont[™]. ©Copyright, 2009, DuPont do Brasil S/A. Todos os direitos reservados.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual.

Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produto.



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil